

REVISTA EDIÇÃO Nº 96 | JUNHO DE 2023

CONEXÃO LITERATURA™

PORQUE AMAMOS LIVROS

CONFIRA

ARTIGOS, RESENHAS
CONTOS, POEMAS, CRÔNICAS,
ENTREVISTAS, DICAS DE LIVROS
E MUITO MAIS...



Stephen King

AUTOR QUE JÁ VENDEU MAIS DE 400 MILHÕES DE
EXEMPLARES, COM PUBLICAÇÕES
EM MAIS DE 40 PAÍSES

ISSN 2448-1068

Distribuição Gratuita

www.revistaconexaoliteratura.com.br

ÍNDICE

CONTÉÚDO

- Expediente, pág. 03**
- Editorial, por Ademir Pascale, pág. 04**
- Especial Stephen King, por Ademir Pascale, pág. 06**
- Dicas Para Leitura, pág. 13**
- "Raízes do Brasil" - Um documento definitivo, por Gilmar Duarte Rocha, pág. 14**
- Poema: ABC, por Bert Jr., pág. 20**
- Envelhecimento e aposentadoria, por Maria Izelda Frizzo, pág. 22**
- Poema: De outono em Outono, por Tania Maria Scuro Mendes, pág. 25**
- Poema: Metamorfismo, por Sellma Luanny, pág. 27**
- Rótulos, por Mirian Menezes de Oliveira, pág. 28**
- Poemas, por Joaquim Cândido de Gouvêa, pág. 31**
- Poemas, por Sílvia Grijó, pág. 40**
- Entrevista com Admir Zanella, pág. 46**
- Entrevista com Aluísio Alves, pág. 50**
- Entrevista com Dirceo Stona, pág. 55**
- Entrevista com Flávia Fernandes, pág. 58**
- Entrevista com Flávio Gomes da Silva Lisboa, pág. 61**
- Entrevista com Gilberto Moretto, pág. 65**
- Entrevista com Junior Berts, pág. 69**
- Principais lendas do Folclore Brasileiro, pág. 73**
- Citações de grandes autores, pág. 75**
- Conto: Conhecidos, por Bert Jr., pág. 81**
- Conto: A cor do medo, pág. 87**
- Conto: As trevas já não são tão boas quanto costumava ser, por Ney Alencar, pág. 90**
- Conto: O convidado relutante, por Ney Alencar, pág. 93**
- Conto: Um balanço dos acontecimentos, por Idicampos, pág. 96**
- Conto: Amor infinito, por Míriam Santiago, pág. 99**
- Conto: Ao teu dispor, por Roberto Schima, pág. 102**
- Conto: Depois do jantar, por Iraci J. Marin, pág. 112**
- Mídia Kit, pág. 117**
- Saiba como divulgar, anunciar, patrocinar ou publicar na próxima edição da Revista Conexão Literatura, pág. 118**



NESTA EDIÇÃO

Dicas para leitura

Entrevistas

Artigos

Poemas e Contos

MAURICIO DE SOUSA

“Quero viver cada dia com um sonho para realizar.”

WILLIAM SHAKESPEARE

“Nossas dúvidas são traidoras e nos fazem perder o que, com frequência, poderíamos ganhar, por simples medo de arriscar.”

QUEM FAZ A REVISTA

EXPEDIENTE

Ademir Pascale - Editor-Chefe - ademirpascale@gmail.com

Elenir Alves - Assessora de Imprensa - elenir@cranik.com

CONHEÇA NOSSOS COLUNISTAS/COLABORADORES DO SITE DA REVISTA

www.revistaconexaoliteratura.com.br/p/colaboradores.html

ISSN: 2448-1068

A Revista Conexão Literatura é uma produção independente e livre de quaisquer vínculos políticos, comerciais e religiosos. Os textos publicados aqui são de inteira responsabilidade de seus respectivos autores e não dizem respeito à opinião do editor e seus conselheiros, isentos de toda e qualquer informação que tenha sido apresentada de maneira equivocada por parte dos autores aqui publicados.

Para baixar nossas edições anteriores:

www.revistaconexaoliteratura.com.br/p/edicoes.html

Layout da capa, organização e arte: Ademir Pascale

Agradecimentos aos patrocinadores desta edição

Para saber como anunciar, patrocinar ou participar da próxima edição da Revista Conexão Literatura, acesse:

www.revistaconexaoliteratura.com.br/p/midia-kit.html

CONTATO: ✉ ademirpascale@gmail.com - c/ Ademir Pascale - Editor-Chefe

- SIGA-NOS NAS REDES SOCIAIS -



conexaoliteratura



revistaconexaoliteratura



conexaonerd



conexaogramatica

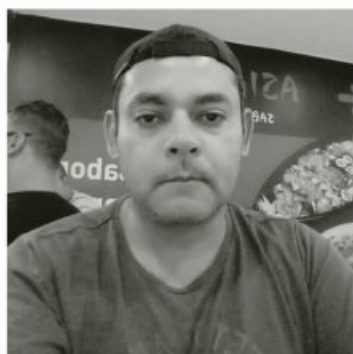
EDITORIAL

Querido leitor,

Comemorando nossos mais de 600 mil seguidores somados em nossas redes sociais Facebook, Instagram e Youtube (Conexão Literatura, Conexão Gramática e Conexão Nerd), destacamos em nossa capa um dos mais conhecidos e promissores escritores da atualidade: Stephen King, autor que já vendeu milhares de exemplares de seus livros traduzidos em mais de 40 países. E para sabermos mais sobre esse incrível escritor, entrevistamos o especialista e leitor Rafael Botter. Confira nas próximas páginas, aproveite e leia também ótimos contos, poemas, crônicas e entrevistas com excelentes escritores.

Para saber como participar da nossa edição de julho/2023, seja com conto, crônica, poema ou mesmo divulgar o seu livro ou editora: clique aqui.

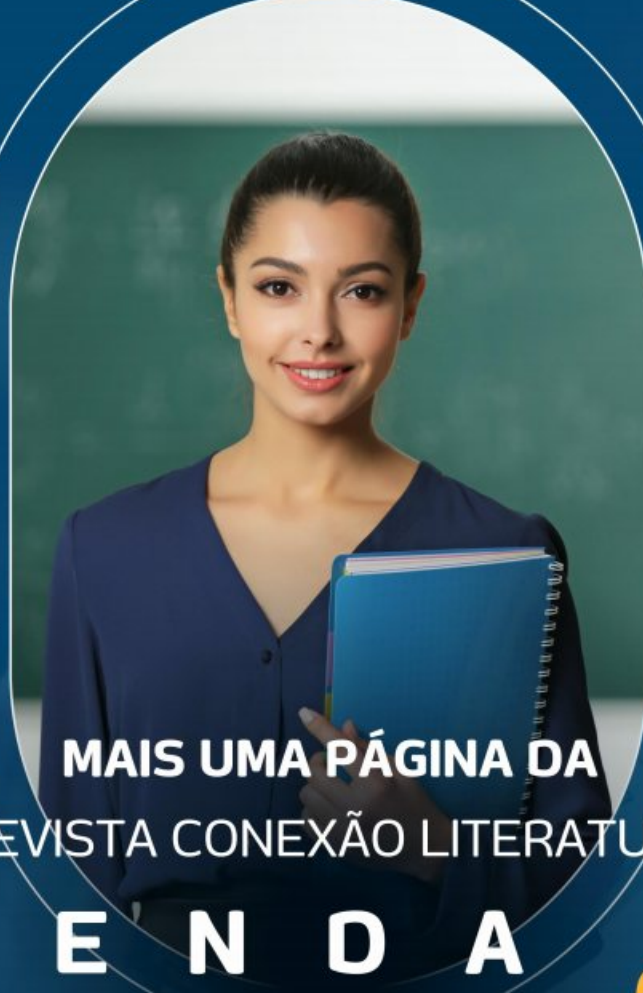
Tenha uma ótima leitura!



ADEMIR PASCALE
EDITOR

Email: ademirpascale@gmail.com

Site: www.revistaconexaoliteratura.com.br



MAIS UMA PÁGINA DA
REVISTA CONEXÃO LITERATURA

A P R E N D A C O M

CONEXÃO

GRAMÁTICA

GRAMÁTICA



ACESSE

WWW.FACEBOOK.COM/CONEXAOGRAMATICA



**AUTOR QUE JÁ VENDEU MAIS DE 400 MILHÕES DE
EXEMPLARES, COM PUBLICAÇÕES
EM MAIS DE 40 PAÍSES**

Assim como Edgar Allan Poe e tantos outros escritores famosos, King foi abandonado pelo pai e passou por dificuldades financeiras, além de ter sido alcoólatra, algo que posteriormente abandonou com o apoio de amigos e alguns familiares.

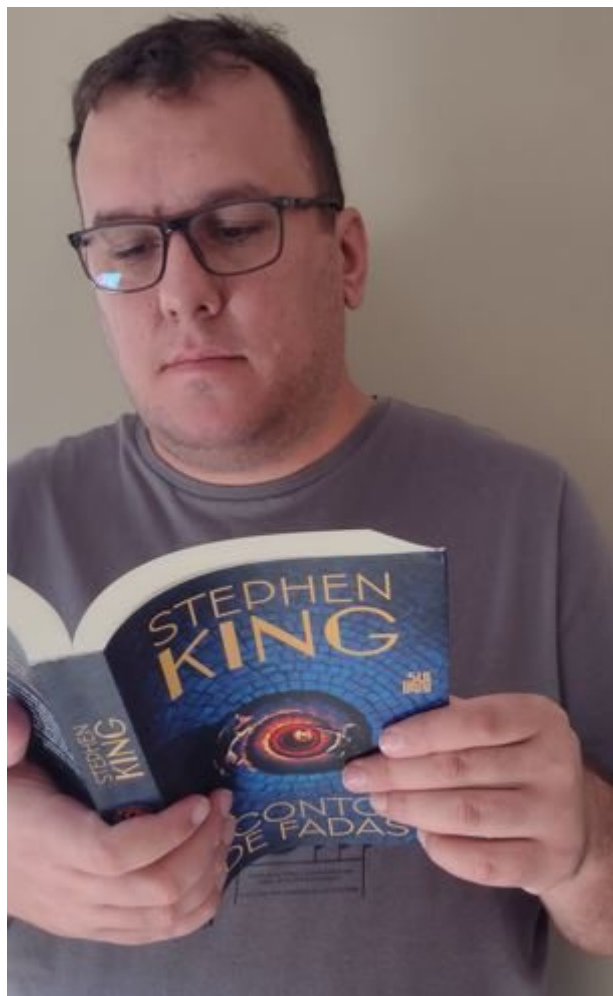
POR ADEMIR PASCALE

Ele está entre os escritores mais incríveis de contos de horror fantástico e ficção de nossa geração. Já vendeu mais de 400 milhões de livros em 40 países. Muitas das suas histórias foram adaptadas para o cinema, como "O Iluminado", "À Espera de um Milagre", "Um Sonho de Liberdade", "Carrie: A Estranha", "It – A Coisa", entre outros, tendo até escrito um roteiro para um dos episódios da série Arquivo X (episódio "Feitiço", da 5ª temporada). Isso impulsionou ainda mais a sua popularidade e as vendas de seus livros. Assim como Edgar Allan Poe e tantos outros escritores famosos, King foi abandonado pelo pai e passou por dificuldades financeiras, além de ter sido alcoólatra, algo que posteriormente abandonou com o apoio de amigos e alguns familiares. Fã de quadrinhos, começou a escrever bem cedo, mas não teve apoio dos professores de sua escola. Viu a morte bem de perto em 1999, quando sofreu um grave acidente. King foi atropelado ao fazer uma de suas caminhadas diárias. Sofreu traumatismo craniano, fraturas múltiplas na perna direita e perfurações em um dos pulmões, mas após algumas cirurgias, recuperou-se rapidamente e em menos de um ano já estava novamente na ativa.

Para sabermos mais sobre King, entrevistamos Rafael Botter, fã e especialista nas obras de Stephen King e editor da página: (Portal Stephen King)

Conexão Literatura: Quando e como surgiu a sua paixão pelas obras do escritor Stephen King?

Rafael Botter: Por incrível que pareça, meu primeiro contato foi através do clássico filme “It – Uma Obra Prima do Medo”, quando alugamos em VHS (faz muito tempo!). E sim, foi um dos filmes mais assustadores que já assisti. Em seguida, procurei na biblioteca municipal o livro em questão, sendo o pontapé inicial para entrar no assustador universo do Mestre King.



Conexão Literatura: Entre as obras do King, qual a sua preferida?

Rafael Botter: À Espera de um Milagre está no topo da minha lista das obras preferidas. Esse livro tem um lugar especial em minha vida.

Conexão Literatura: Você mantém a página "Portal Stephen King", dedicada ao mestre Stephen King. Poderia comentar?

Rafael Botter: Procuo manter postagens diárias, sempre mesclando com notícias, curiosidades e algumas resenhas. Ah! E de quebra, com alguns memes e postagens mais descontraídas de todo o universo do Mestre King.

Conexão Literatura: Sobre as adaptações para o cinema, qual mais se aproxima da obra original do King?

Rafael Botter: À Espera de um Milagre do meu ponto de vista, ele não foge muito da obra literária, mantendo um nível de fidelidade tanto para os leitores e espectadores.

Conexão Literatura: Sobre as novas obras do King, o que vem por aí?

Rafael Botter: Estamos na maior expectativa com o lançamento do livro “Holly”, uma obra que traz a personagem Holly Gibney como protagonista, ela caiu no gosto dos fãs ao redor do Mundo. Ela já aparece em obras anteriores do Mestre King, sendo eles: Mr. Mercedes, Outsider e Com Sangue. Já estou na contagem regressiva.



Perguntas rápidas:

Um livro: À Espera de um Milagre

Um(a) autor(a): Stephen King (Vida Longa ao Mestre! rs)

Um ator ou atriz: Tom Hanks

Um filme: À Espera de um Milagre

Conexão Literatura: Deseja encerrar com mais algum comentário?

Rafael Botter: Primeiro quero agradecer pela oportunidade dessa entrevista e poder divulgar meu projeto para todos os leitores da Revista Conexão Literatura. Deixar meu muito obrigado aos leitores e seguidores lá no perfil do Twitter do Portal Stephen King, eles são demais! Uma verdadeira família! Ah! E não esqueçam... Leiam King!!!!



Conheça o Portal Stephen King – Facebook, Instagram e Twitter:

<https://www.facebook.com/portalstephenking>

<https://www.instagram.com/portalstephenking>

<https://twitter.com/PortalStephenK>

INCENSÁRIO CASCATA FONTE DE LEÃO NÉVOA + 5 INCENSOS BRINDE



VOCÊ CONHECE A SIMBOLOGIA DO LEÃO?
UM DOS ANIMAIS MAIS BONITOS DO
MUNDO E QUE SEMPRE CHAMA BASTANTE
ATENÇÃO POR SUA POSTURA MAJESTOSA E
PODEROSA.
SUA FIGURA SIMBOLIZA VALORES COMO
CORAGEM, FORTALEZA E MAJESTADE
POR ESSE MOTIVO, A IMAGEM DE UM LEÃO
APARECE COM MUITA FREQUÊNCIA EM
ESCULTURAS, BRASÕES MEDIEVAIS E EM
BANDEIRAS NACIONAIS ATÉ HOJE.

DIMENSÕES
ALTURA: 16CM
COMPRIMENTO: 11CM
LARGURA: 7CM

PARA ADQUIRIR:
WWW.COMMERCE2YOU.COM.BR

Prestígio nosso patrocinador: APP Universo Literature Generator

São muitos motivos para se unir ao Universo, mas aqui trazemos cinco:

- ✓ Somos a primeira Social Reading brasileira, ou seja, uma rede social totalmente dedicada à literatura;
- ✓ Possuímos quase 40 gêneros literários e estamos preparando mais categorias;
- ✓ Aqui você pode publicar textão ou textinho (no Verso, nosso microblog para apenas 160 caracteres);
- ✓ Você conhece gente igual você, que ama ler e escrever e pode até fazer parcerias;
- ✓ Somos a rede social preferida de quem ama esse universo da literatura.



AGORA, QUER DESCOBRIR MAIS MOTIVOS?
BAIXE AGORA O APP E SE APAIXONE POR
ESSE UNIVERSO

www.vemseuniraouniverso.com.br

atinga o seu público alvo

ESCRITOR(A)

divulgue o seu livro

NAS EDIÇÕES DA

Revista Conexão Literatura

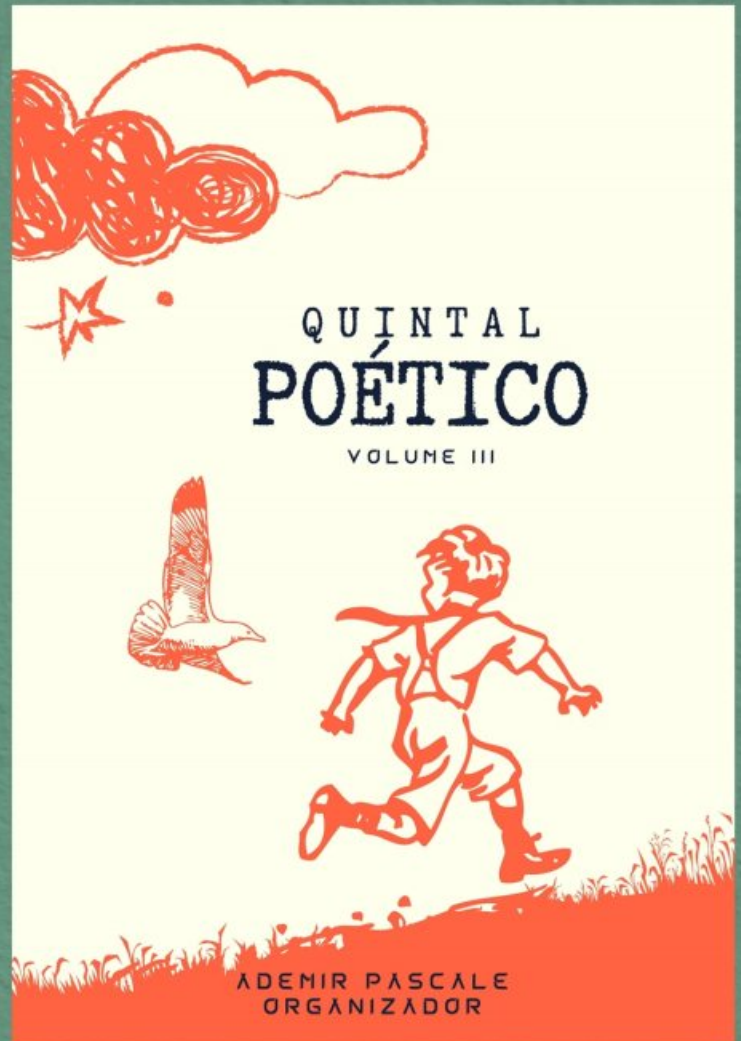


ENTRE EM CONTATO

ademirpascale@gmail.com

DICAS PARA LEITURA

POEMAS CONTEMPORÂNEOS - VOL. III,
REÚNE POEMAS DE ALGUNS DOS
MELHORES AUTORES NACIONAIS, COM
ORGANIZAÇÃO DE ADEMIR PASCALE.
O E-BOOK É GRATUITO E ESTÁ
DISPONÍVEL NO SITE DA REVISTA
CONEXÃO LITERATURA:
WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR
E NO SITE DIVULGA LIVROS:
WWW.DIVULGALIVROS.ORG.



QUINTAL POÉTICO - VOL. III, COM
ORGANIZAÇÃO DO EDITOR E
ESCRITOR ADEMIR PASCALE, É UM
E-BOOK GRATUITO E ESTÁ
DISPONÍVEL NO SITE DA REVISTA
CONEXÃO LITERATURA:
WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR
E NO SITE DIVULGA LIVROS:
WWW.DIVULGALIVROS.ORG.

“RAÍZES DO BRASIL” UM DOCUMENTO DEFINITIVO

POR GILMAR DUARTE ROCHA



Muito se escreveu sobre o processo de formação da civilização brasileira, seja do ponto de vista antropológico, sociológico, geopolítico ou simplesmente histórico.

Há autores que dedicaram a vida toda tentando esmiuçar a gênese; a convergência de raças; a miscigenação imparável de povos distintos; a constituição dos burgos; a desigualdade social persistente, até chegar ao ponto onde se entende o país como uma nação constituída. Foi o caso do pernambucano Gilberto Freyre, que deixou de lado a historiografia oficial, baseada em fatos carimbados e cronologia rotulada, para se debruçar em documentos originais concentrados nos mais diversos e remotos arquivos que ele pode alcançar, recorrendo até mesmo a depoimentos orais de sobreviventes dos tempos da escravidão, e compor a sua obra sociológica visceral, alicerçada em três livros: “Casa Grande & Senzala”, 1933; “Sobrados e Mocambos”, 1936, e “Ordem e Progresso”, 1957.

Freyre cumpriu o seu papel com dedicação, mas o seu produto ficou estigmatizado, de certa forma, por valorizar a visão da casa-grande em detrimento da visão a partir da senzala, apresentando um retrato quase idílico do Brasil e obscurecendo (na visão dos críticos) o papel do racismo ao forjar as desigualdades inerentes (e ainda presentes) na sociedade brasileira.

Além de Freyre, outros autores, como Florestan Fernandes, Darcy Ribeiro, Caio Prado Júnior, Laurentino Gomes, produziram estudos de grande qualidade, que muito contribuíram no entendimento do processo civilizatório do nosso país.

Outrossim, existe outro grande intelectual, que produziu trabalhos tão bons quanto os dos autores aqui citados, mas que publicou um livro sobre o tema que parece documento definitivo e que ganha relevância e importância com o passar dos anos, tal qual uma garrafa do vinho Domaine de La Romanée-Conti, safra 1945. Refiro-me à obra “Raízes do Brasil”, de Sérgio Buarque de Holanda, publicado em 1936, pela José Olympio Editora, reeditado inúmeras vezes e traduzido para diversos países.

O livro em si é conciso e de pouco volume, porém, se qualifica pelo corte afiado das palavras e pelo entalhe perfeito das ideias que nele são expostas, como justifica o mestre Antônio Cândido no prefácio da vigésima edição da J.O.: “... livro curto, discreto, de poucas citações; no entanto seu êxito de qualidade foi imediato e ele se tornou um clássico de nascença”.

Cândido estava pleno de razão: Sérgio não precisou compor um compêndio para tratar de um assunto cuja obviedade está no próprio título (raízes), que, apesar de ter ramificação e profundidade imprecisas, têm a sua base sólida, bem delineada e indelével.

Sérgio Buarque dispôs o seu produto em sete capítulos viscerais, interligados e sucessivos concomitantemente, quais sejam: Fronteiras da Europa; Trabalho & Aventura; Herança Rural; O Semeador e o Ladrihador; O Homem Cordial; Novos Tempos e Nossa Revolução.

Abriu o livro como se estivesse em uma das caravelas de Pedro Álvares Cabral, com uma pena em uma mão e com a luneta na outra, cotejando a vista do Velho Mundo, da Ibéria mais precisamente, com as novas paisagens, selvagens, das terras abaixo da linha do Equador. Brilha quando trata essa primeira etapa do processo de colonização com uma espécie de decalque bruto, em que o colonizador tenta imprimir todas as boas práticas, bem como as mazelas do velho mundo à sua nova possessão.

“Trabalho & Aventura” cuida do maior desafio dado aos portugueses desde os primórdios da época de Afonso Henriques, que era colonizar aquela imensidão de terra bugrina, onde não se sabia o começo e muito menos o fim. Nesse aspecto, depois da aventura do descobrimento e as primeiras experiências na terra prometida, onde prevaleceu o extrativismo do pau-brasil, os portugueses, surpreendentemente, a despeito do que diz a maioria dos historiadores, foram laboriosos em adaptar à colônia tudo que lhes faltavam e que só havia na Coroa (o trigo, por exemplo, foi imediatamente substituído pela farinha de mandioca). Todavia, segundo S.B.H., o trabalho agrícola, apesar de avançar quantitativamente, não cresceu em qualidade, pois a terra não era aproveitada em sua plenitude, ou seja, passava-se a usar uma espécie de agricultura predatória, onde não se reaproveitava o solo usado, fazendo com que o empreendedor agrário mudasse constantemente de propriedade.

“Herança Rural” é um capítulo chave para entendimento da engrenagem atual do Brasil, tanto do ponto de vista econômico, quanto do ponto de vista social. O autor retrata com precisão a hegemonia dada ao sistema primário de produção, à agricultura de exportação, em detrimento dos empreendimentos industriais, mormente às ações de Irineu Evangelista de Souza, o Barão de Mauá, que são de certa forma sabotadas, pois se entendia que a quantidade de trabalho sobrepunha a quantidade de inteligência. Vê-se aqui uma certa similaridade entre desse pensamento retrógrado com o sistema de

produção econômica defendida pelos confederados, habitantes dos estados do sul do dividido Estados Unidos da América, cizânia essa que deflagrou a terrível Guerra da Secessão, vencida pelos homens do norte que carregavam a bandeira de uma economia industrial mais liberalizada, sem abandonar a importância da produção e exportação de commodities.

O capítulo “O semeador e o ladrilhador” aborda a formação das cidades brasileiras como instrumento de dominação, fenômeno que também ocorreu em vários países do mundo, pois o Brasil, apesar de permanentemente agrário, sofreu no século XIX uma quantidade expressiva de rebeliões, rechaçadas à ferro, bala e sangue. Precisava-se trazer o ocioso do campo para os novos burgos, onde poderia se exercer uma espécie de controle ao caboclo de algum modo e estabelecer uma espécie de uniformidade seja na língua, nos costumes e principalmente no pensamento político.

No “O Homem cordial”, o autor abarca a divergência entre cidade e família, onde as duas entidades nem sempre caminharam juntas, pelo contrário havia uma espécie de gradação e até mesmo de oposição entre elas. Precisava-se, portanto, expandir o ser na vida social; estender-se na coletividade, amenizando o peso da individualidade para tentar se criar uma espécie de fraternidade. Essa necessidade de apropriação afetiva era necessária para diversos fins, dentre eles a conscientização do trabalho coletivo do novo homem cidadão, dentro do imberbe processo de industrialização.

Em “Novos tempos” o sociólogo e historiador Sérgio Buarque dá consecução ao conceito de novo homem cosmopolita, que precisa se inserir na sociedade e vê no estudo e na graduação uma forma de libertação e supremacia. Daí o que se nota é uma grande quantidade de médicos, juristas e professores, que busca a todo custo o canudo e o status-quo ele proporciona, legando para segundo plano o verdadeiro papel da sua formação científica. S.B.H ratifica isso afirmando que as academias liberam todo ano milhares de bacharéis, mas pouco deles farão uso prático do seu conhecimento. Nesse capítulo ele trata também do papel ambíguo que a doutrina positivista de Augusto Comte exerce sobre o brasileiro graduado, que se vê perdido entre os preceitos do Positivismo, os conhecimentos do Velho Mundo e a sua real aplicabilidade dentro de uma nova sociedade tropical, com características e diferenças próprias e singulares.

No último capítulo “Nossa Revolução” vale frisar que o autor, apesar de alguns adendos posteriores à sua magnífica obra, limitou o seu estudo até a década de 1930,

onde até então, ele considerava a Abolição da Escravatura, em 1888, como o grande marco revolucionário brasileiro, apesar de perceber as crescentes aspirações por mudança vindas da classe operária e ponderar que nós modelamos a nossa conduta pelo que parecem seguir os países mais cultos, e então nos envaidecemos da ótima companhia. Tudo isso são feições do nosso aparelhamento político, que se empenha em desarmar todas as expressões menos harmônicas de nossa sociedade, em negar toda espontaneidade nacional.

Para concluir, devo dizer que discorrer sobre esta importante obra da inteligência brasileira em poucas linhas é quase uma irresponsabilidade didática, tangenciando talvez o oportunismo intelectual. Mas, refletindo melhor, o produto do escritor Sérgio Buarque de Holanda é tão bom, tão atual, e que, apesar dele não ter vivenciado a era da tecnologia, que está mexendo sobremaneira com a estrutura da nossa sociedade, vale a pena ser lembrado (ou apresentado) para um público mais amplo (extra sociologia e historiografia), mesmo em linhas curtas, o que alivia o peso da consciência do autor desse singelo artigo e que de certa forma serve como uma espécie de cartão publicitário para chamar à atenção de todos aqueles que se interessam pelo futuro Brasil, pois vale a pena revisitar o magnífico trabalho desse grande intelectual brasileiro.



Gilmar Duarte Rocha, integrante da Academia Brasiliense de Letras, é autor de vários livros de ficção e uma obra de impressões de viagem. Atualmente exerce o cargo de diretor da Associação Nacional de Escritores-ANE.

× × × ×
× × × ×
× × × ×
× × × ×

PACOTE

DIVULGAÇÃO PARA ESCRITORES

DIVULGUE O SEU
LIVRO CONOSCO

- **DIVULGUE
PARA + DE
500 MIL
LEITORES**
- **POR APENAS**

R\$ 150

WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR

- **ENTRE EM CONTATO:**
- **E-MAIL: ADEMIRPASCALE@GMAIL.COM**



o life anyway, I had
g brought back to life anyway, I had

A B C POR BERT JR.

NÃO ME PEÇAS

PARA DERRAMAR-ME EM PROSA

LÊ-ME NO VERSO

COMO NO PERFUME A ROSA

E

NO AGORA

A ETERNIDADE



BERT JR. É GAÚCHO DE PORTO ALEGRE. GRADUOU-SE EM HISTÓRIA, PELA UFRGS, E DIPLOMACIA PELO INSTITUTO RIO BRANCO, EM BRASÍLIA. SUA EXPERIÊNCIA COMO DIPLOMATA JÁ O LEVOU A VÁRIOS PAÍSES. ESTREOU NA FICÇÃO EM 2020, COM FICT-ESSAYS E CONTOS MAIS LEVES. EM 2021, PUBLICOU O SEU PRIMEIRO LIVRO SOLO DE POESIA: EU CANTO O ÍPSILON E MAIS. EM 2022, LANÇOU UM SEGUNDO VOLUME DE CONTOS, DO INCISIVO AO CANINO, E UM NOVO LIVRO DE POEMAS, INTITULADO NEVOANDEIRO. É COLABORADOR ASSÍDUO DA REVISTA ELETRÔNICA CONEXÃO LITERATURA.
INSTAGRAM: @_BERTJUNIOR. FACEBOOK: BERT JR.
SITE: WWW.BERTJR.COM.BR.

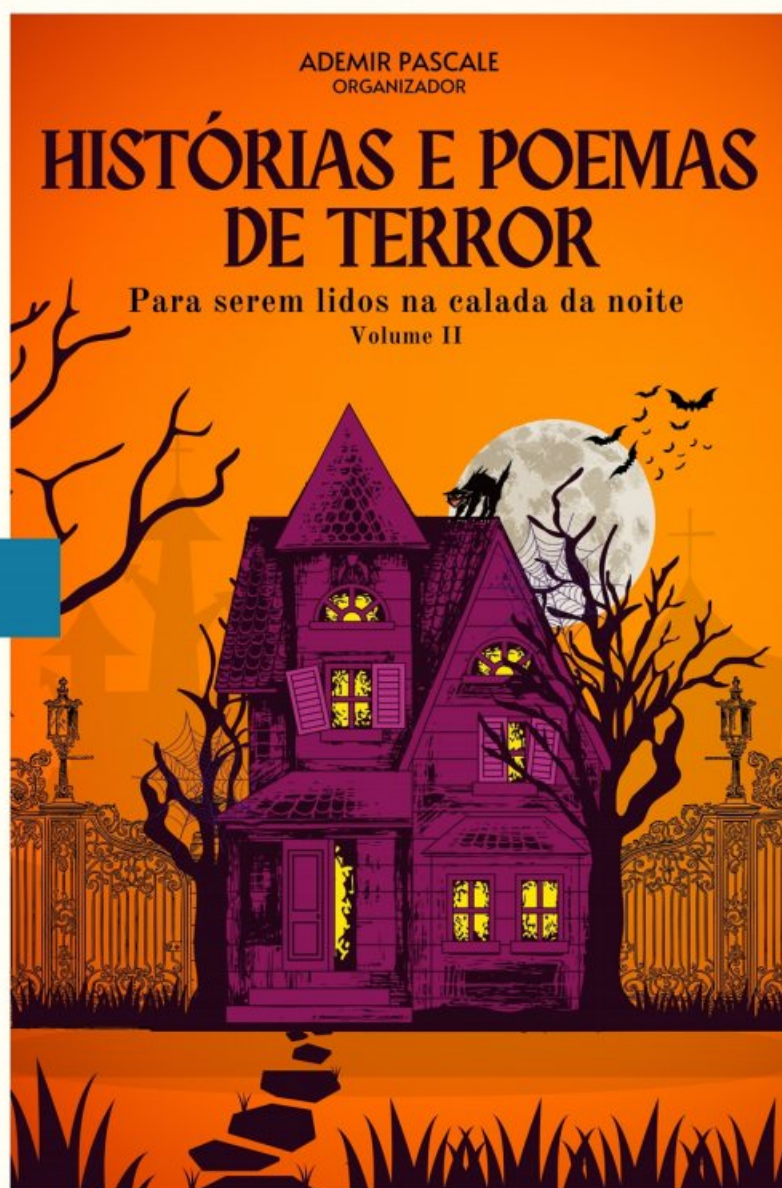
PARTICIPE DA ANTOLOGIA

HISTÓRIAS E POEMAS DE TERROR

PARA SEREM LIDOS NA CALADA DA NOITE

VOL. II

E-BOOK



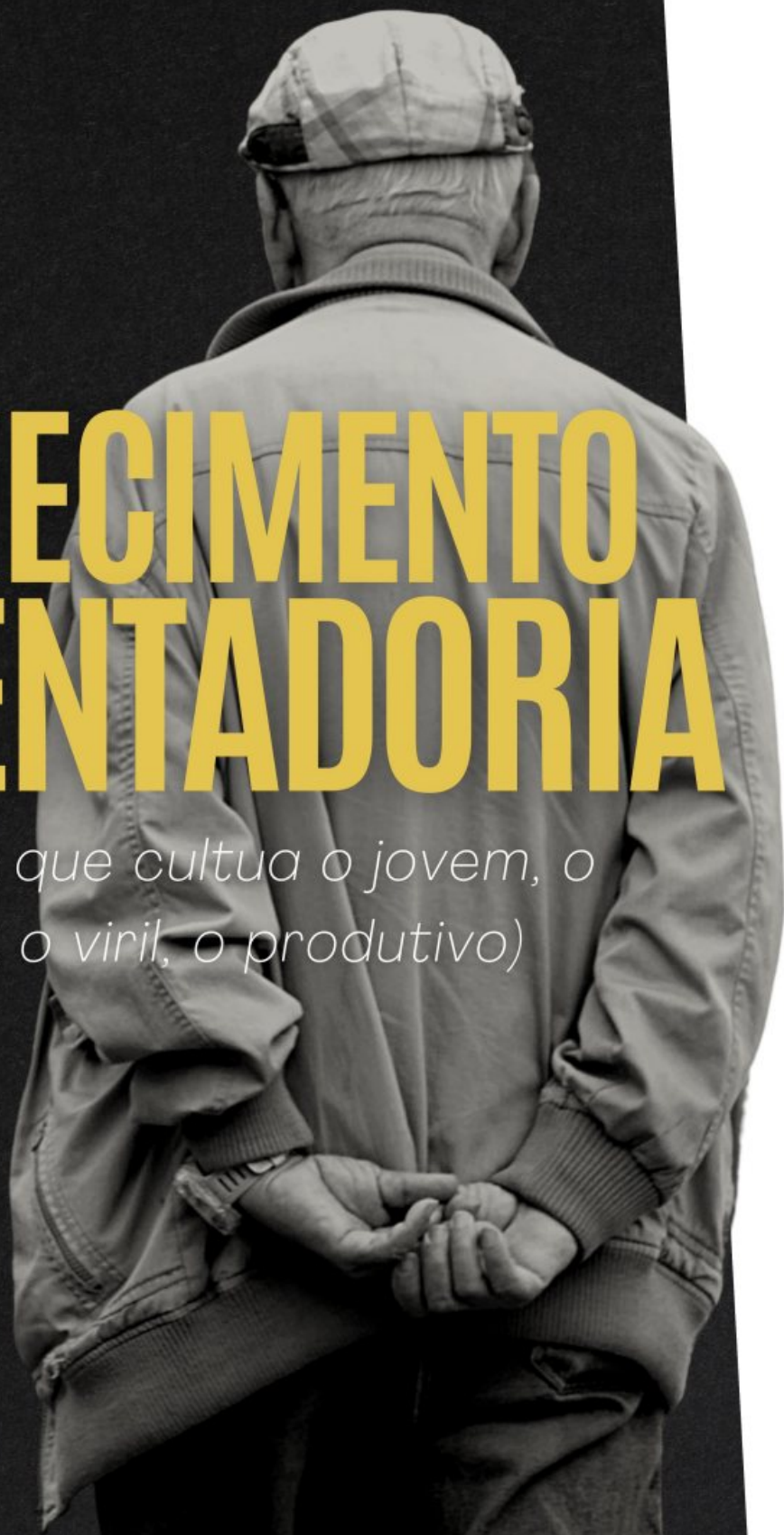
saiba mais: [clique aqui](#)

Por Maria Izelda Frizzo

ENVELHECIMENTO E APOSENTADORIA

(Numa sociedade que cultua o jovem, o bonito, o novo, o viril, o produtivo)

Maria Izelda Frizzo – Residente em Caxias do Sul. Graduada e Pós graduada na UCS. Professora aposentada do Município. Apaixonada por leitura e escrita.



O Dicionário do Aurélio nos diz que aposentar significa pôr de parte, num aposento; que é um estado em que o sujeito fica inativo, seja funcionário público ou de empresa particular, ou seja, está fora do sistema produtivo.

São inúmeros os sinais que apontam que a velhice está chegando; desde os mais dolorosos aos mais sutis. Geralmente somos surpreendidos quando começamos a perder, pai, mãe, irmãos, amigos, amigas. Essas perdas dolorosas, nos vêm como sacudidas violentas para sinalizar que somos finitos.

Num certo dia, vem a aposentadoria e de repente, nos vemos fora do ambiente de trabalho, do grupo com o qual convivemos durante tantos anos.

Nos primeiros dias e meses, ostentamos o título de aposentado(a) com um certo empoderamento e orgulho, como um Estandarte onde está escrito: “Você merece!”, “Agora você terá tempo livre para fazer tudo o que quiser”. Consta também muitas linhas em branco para escrever listas de coisas que agora finalmente “podemos” realizar; aquele curso de pintura e de fotografia, academia, Pilates, Hidroginástica, viajar, ler ou reler aqueles livros, cuidar do jardim, encontrar com as amigas, ir ao cinema, enfim, temos a impressão que começamos a “viver”! Como se o tempo, antes infinitamente dividido e concentrado, agora se apresentasse largo e aberto. Pura ilusão! A liberdade antes vislumbrada, logo se “encaixa” novamente nas medidas do tempo dos dias e das horas estabelecidas para cada atividade.

Sem demora, percebemos que o Estandarte da Aposentadoria é apenas um papel que oficializa perdas. Muito rapidamente, perde-se o contato com ex- colegas; logo nos percebemos fora de um espaço que nos constituía e nos conferia um papel social; as parcerias e os trabalhos que realizamos juntos vão ficando esmaecidos; os projetos realizados vão sendo arquivados e depois de algum tempo restam somente ecos distantes do que vivemos e fizemos.

Com sorte e saúde, viveremos ainda alguns bons anos viajando, fazendo novas amizades, correndo atrás da boa forma, nos divertindo “com alguns bons amigos, bebendo de bem com a vida” (música Aquarela de Toquinho). E com azar, adoecemos e rapidamente perdemos tudo o que a natureza nos presenteou em vida.

São muitas as perdas que se sucedem. Entre elas, perde-se o viço e a agilidade (as sinapses vão ficando mais lentas); a memória começa a falhar; a visão vai ficando curta; e aí acontece algo que considero a pior de todas as perdas, a da autonomia. Essa é uma perda sutil e vem legitimada (travestida) de carinho e cuidado daqueles que são nossos amores.

No início, o amor e os cuidados dos que nos cercam soam como um carinho! Você ainda sente que tem um lugar na sua família e isso é o que importa! Até o dia que você descobre que eles criaram um grupo no Whatsapp sem você e quando você questiona, eles respondem que certas coisas devem ser discutidas só por eles, tipo o que nos dar de presente no Dia das Mães (ironia).

A partir daí, você percebe que está envelhecendo mesmo e todas as cortinas se abrem: a professora do Pilates começa a falar com você no diminutivo (Vamos alongar a perninha, dobrar o joelinho); jovens que nos chamavam de “tia” agora nos chamam de “vó”; se evitamos entrar nas filas preferenciais, sempre tem uma pessoa “gentil” que nos indica ou nos oferece o lugar; se você fala ao médico sobre algum sintoma, ele responde com a pergunta “Quantos anos a senhora tem, mesmo?”. Chego a pensar que em algumas ocasiões é melhor omitir informações ou necessidade para não criar comoção! E assim, se não ficamos espertos, nosso lugar vai ficando cada vez mais restrito, nosso poder de decisão vai diminuindo, nossa liberdade de ir e vir vai se contraindo.

Aos poucos perdemos quase tudo. Isso, na melhor das hipóteses! Pior seria nos perdermos de nós mesmos e da nossa história em vida!

Queiramos ou não, temos uma história a concluir e essa é uma tarefa estritamente pessoal e intransferível. A escritora Clarice Lispector nos alerta: “Chegou o instante de aceitar em cheio a misteriosa vida dos que um dia vão morrer.”



Levanto um brinde à vida com o Poema de Tania Maria Scuro Mendes.

Confira na próxima página:

De outono em Outono

Por Tania Maria Scuro Mendes

Folhas e calendários esparramam o tempo em ciclos de vida. Entre pistase conquistas, vai se descobrindo: a estaçãonão é o ponto de chegada, é a chancede se renovar.

Os sentidosnas espirais da trajetória do viver ensinam: se há o calafriodas derrotas, ainda há muita luz que se pulveriza em olhares e tons de novos dias prontos para acontecer com a força do outono.

Ao se (des)folhar o tempo, os caminhostrazem escolhas... Ou se fica a reprisar os dias (con)sentidos e sonhados, ou se buscainspirar para o instigante desafio de conjugar o agora, conciliado consigomesmo.

Essa é a poesia do saber viver o outono.



Da adolescência à envelhescência: convivência entre as gerações na atualidade /Tania Maria Scuro Mendes. - Porto Alegre: Mediação, 2012. p.101.

NOVOS VÍDEOS NO CANAL ⁺

▶ **CONEXÃO
NERD**

I N S C R E V A - S E

@CONEXAONERD

APRESENTADO POR ADEMIR PASCALE

⁺





Metamorfismo

POR SELLMA LUANNY



Do mundo tirei férias...
Numa idílica praia
deixei-me desmemoriar.
Fiz grounding... minha pele
pelo Sol foi beijada...
se envelheci por fora (?)
só rejuvenesci por dentro.
Ouvindo pássaros
macacos cigarras...
insistentes insetos...
deixei-me levar.
A deslumbrarem
o pacato observador
frequentes borboletas.
Em paz e feliz
do mundo esqueci-me.

Sellma Luanny são os prenomes e um dos pseudônimos de Sellma Luanny Silva Coimbra Batalha. Brasileira, Médica e Anátomo-Patologista, reside em Macau, China, desde 1987 onde trabalhou como patologista por quase trinta anos. No idioma português, publicou três livros de poemas de sua autoria (Poemas Matizados, Julieta Serei Eu e Lilases) e participou em duas antologias (Rio das Pérolas e Da Ficção à Realidade ...em ano de Covidamento) - todos em papel. Tem participado de trinta e seis antologias em e-books editados pela Revista Conexão Literatura. No YouTube, canal Sellma Batalha, a autora tem lançado suas séries de poemas e histórias curtas.

RÓTULOS

Por Mirian Menezes de Oliveira



MIRIAN MENEZES DE OLIVEIRA: Mestre em Semiótica, Tecnologias de Informação e Educação – UBC – Mogi das Cruzes – SP. Especialista em Leitura e Produção de Textos – UNITAU – Taubaté – SP. Membro da REBRA – Rede de Escritoras Brasileiras e da A.C.I.M.A – MANDALA – Itália. Membro efetivo e correspondente de diversas Academias e Instituições. Possui livros e participações em Antologias nacionais e internacionais, assim como poemas musicados em Projetos de Intercâmbio Cultural. Seus livros infantis e de poesia circulam por Salões Internacionais de Livros. É colunista e participa, com frequência, de publicações coletivas (e-books), em Revistas Eletrônicas de Literatura. Fotógrafa amadora, estuda, atualmente, Fotografia e História da Arte.

Bastou entrar no supermercado e pegar a lata de sardinha, para a metáfora pular aos meus olhos.

Num período histórico em que a própria humanidade se “coisifica”, esta figura de linguagem torna-se um pleonasma. Metáfora, “contra-metáfora”, ou pleonasma... não posso me furtar de discorrer sobre isso.

Se a essência de meu pensamento se fizer entendida, sem que haja visualização apenas da “embalagem”, dou-me por satisfeita!

Espero que ninguém se choque, pois a mais importante destinatária desses escritos sou eu.

Peguei a latinha de sardinha, pensando, primeiramente, em seu conteúdo. Foi, nesse exato momento, que a metáfora veio ao mundo. Pensei nas embalagens que circulam por nossa sociedade consumista e também no “Eu-etiqueta”, de Carlos Drummond de Andrade.

O que chama a atenção de qualquer consumidor, à primeira vista é o que se encontra registrado, de imediato, no primeiro ângulo de visão: conservantes... data de fabricação... prazo de validade... cor da lata... fabricante...

É! As embalagens podem ser lidas sob diversas óticas, mas sem o “conteúdo”, nenhuma importância possuem!

Trazendo a comparação, grosseiramente, para nossas vidas, penso que as leituras realizadas por nós, dependem muito dos ângulos escolhidos. Sob a leitura de alguns, congelamos no tempo (na infância, ou na idade da cútis macia), para outros somos velhos demais! Alguns nos congelam em atos de carinho e alteridade, outros nos lembram nos momentos de diversão, ou tristeza... outros, ainda, se lembram dos obstáculos e vitórias. Na verdade, os amigos sempre lembram de nossos atos, com a “lupa” do amor.

Quem somos? Pergunta sem resposta!

Transitando, radicalmente, do supermercado para o hospital, somente um “não-especialista” dará conta de tanta complexidade.

Feita a biópsia de nossas multifaces, restará a cada leitor um excerto do texto total...

No que se refere à alma, somente quem a focalizou, com a tão singela “lupa”, poderá esboçar o laudo e rabiscar os principais traços do “ser” amigo.

De uma coisa tenho plena consciência e, agora volto, novamente, para as embalagens do supermercado: “ser humano” não possui prazo de validade, mas sim o poder inesgotável de “crescer”!

REVISTA CONEXÃO LITERATURA

Respeito e agradecimento aos professores



ALEGRIA ETERNA

POR JOAQUIM CÂNDIDO DE GOUVÊA

Ah! Querido! Confesso que não sei
Talvez, por muito me assanhar e pecar
E me enganando, como chorei
Desejando a dor, do interior, amenizar

Claro! Me conheço! Para outra vez ficar envolvida
Nas devidas situações deliciosas
Delas, na maioria, maliciosa
Que sei lá, imaginava estar esquecida

Assim, me coloco a lembrar do primeiro beijo
Desejado... apaixonado...
Bem safado
Ignorando o puro desejo

Hoje, nem sei pelo que, tal belo momento o trocaria
Talvez, do primeiro beijo, que agora fossem milhões
Para nesse imaginado dia
Alegrar eternamente nossos corações

SIM! OUTRA VEZ!

POR JOAQUIM CÂNDIDO DE GOUVÊA

**Ao me deitar... ansioso, de olhos fechados
Faleceu, em mim, a vida, antes maravilhosa, a florando a escuridão
Quanta lembrança à minha frente daqueles tempos amados
Agora, bem guardadinhos, entesourados no meu sofrido coração**

**Na ocasião, quão desesperado fiquei
Não imaginava, confesso, do tamanho da dor a sentir e chorei
Por tão intensa! Imensa! Nos pequenos "pedaços" da madrugada
Deixando-me, cada vez mais, arrasado, do nada**

**A amenizar, versos cravei nos espelhos
Com os dedos, cheios de medos, à procura de raro
aconselhamento
Sim! Que fosse como o último conselho
Posto que o desespero intensificava como o maior sentimento**

**Dizia ao meu interior: não estarei sozinho
Mesmo consciente de uma dor totalmente minha no meu caminho
Havia a esperança, daquele "quem sabe" no novo amanhecer,
alguém à porta bater
Para outra vez ser você, como a bela flor, ao meu Jardim florescer**

ATENÇÃO!

POR JOAQUIM CÂNDIDO DE GOUVÊA

**Nesta curta viagem da vida
Ative seu coração! Não esteja tão ausente
Evite esquecer! Procure ao lado da sua querida
Estar sempre presente**

**Sorria alegremente de cada emoção
Conseguirá belos espaços no seu coração
E aquela antiga e incômoda ansiedade
Súbito em outro "colo" dará lugar para a felicidade**

**Assim, ainda neste tempo, para a mudança no "viver"
Esteja convicto! Tristezas foram embora! Estão lá atrás!
Nem mesmo precisa delas esquecer
Posto que não se lembra mais
E graças! O antigo coração retornará com alegria a suavemente
bater**

SEMPRE “ELA”

POR JOAQUIM CÂNDIDO DE GOUVÊA

Em busca dos “sonhos” o sincero “coração” permanece
Com rara atividade de nada se esquece
Claro! Não são antigos! Guardando vivas as emoções
E, na jornada, com bravura superando “estações”

Em cada sonho, sorrindo
Surge o superar, apreciando o “Inverno” partindo
E, se na temporada, por acaso, algumas dores
Abraçado na Primavera consegue-se vislumbrar no “Jardim” a
beleza das flores

Ah! Que se vá a pálpebra debruçada
De olhos abertos apreciar o amanhecer com alegria
Do Sol nascer, cânticos em verdadeira euforia
Apreciando a ação do pulverizar da “Aurora” por nós tão amada

Assim, o grande momento continua
A juventude, em nós, outra vez aflora, somos a “menina”
saltitante

Por vários caminhos apreciando flores pela rua
E, com ingênuo sorriso, sentir na face a “covinha” por todo
instante

A alegria nos toma! Não existe um ponto “final”
Avista-se o sonho no horizonte como o grande sinal
Lá, a encontrar, o que tanto se procura
E, sorrindo, abraçar você, a tão delicada “criatura”

NA CAMINHADA...

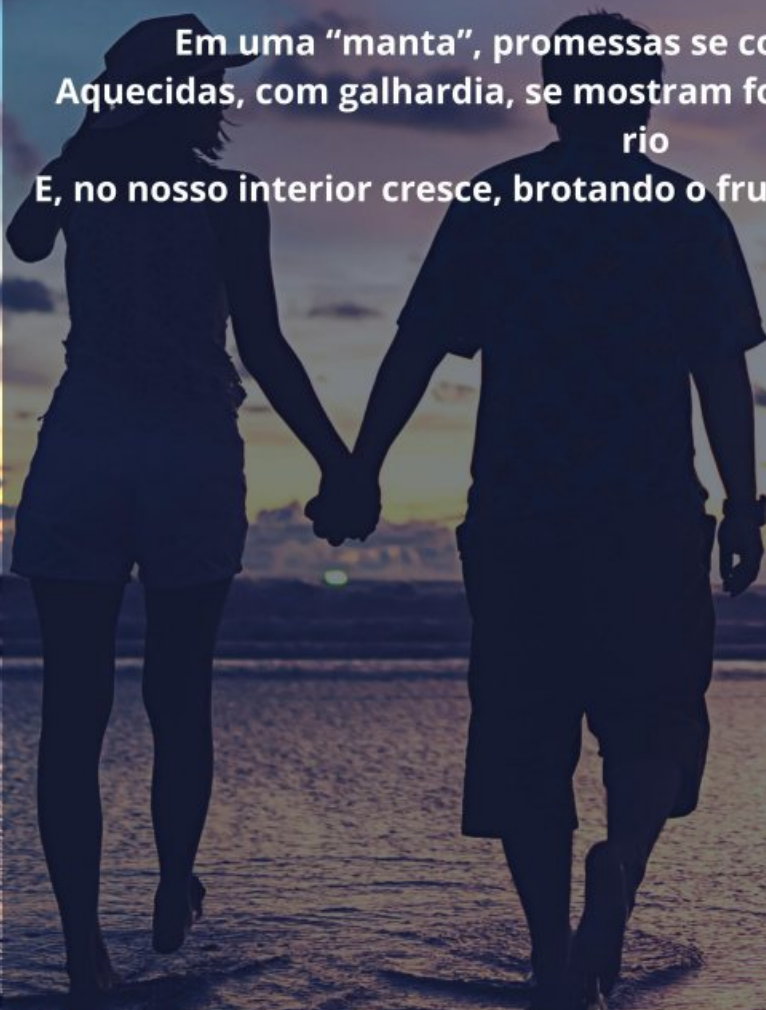
POR JOAQUIM CÂNDIDO DE GOUVÊA


**Felizes corremos por um caminho
Na certeza de que algo iremos encontrar
Surpresos, mais lá na frente, por certo sozinhos
Constatamos o que deixamos de apreciar**

**Ah! Gente! Tristonhas... talvez flores
Ou quem sabe lá - quanta pena - desejados amores
Que, por inocência na caminhada
Deixamos pousar na relva ficando pela "estrada"**

**Passado, então, o tempo vivido
Nos colocamos - infelizmente - a relembrar o grande exemplo lá
esquecido
Para, no coração, novamente aquecer**

**Em uma "manta", promessas se cobrem do antigo frio
Aquecidas, com galhardia, se mostram fortes como a correnteza do
rio
E, no nosso interior cresce, brotando o fruto para um novo amar viver**





Joaquim Cândido de Gouvêa: Economista, aposentado no Banco do Brasil S.A., também escritor; romancista; poeta; letrista de música, tendo atuado junto à melodia com o Emmanuel Henriques de Castro e com a outra parceira Renee Brazzil. Considera-se um contador de belas histórias de amor.

Como poeta, participou em variadíssimas coletâneas e antologias de poesia publicadas no Brasil envolvendo-se também em alguns Concursos Literários. Em destaque, a Menção Honrosa concedida ao seu poema no Livro VII Prêmio Marcelo de Oliveira Souza – Dr. Honoris Causa em Literatura.

Mensalmente, publica poemas na REVISTA CONEXÃO LITERATURA.

No exterior, participa do projeto da Editora Colibri, no Livro MUNDO(S), com outros 20 poetas portugueses, coordenado pelo Dr. Ângelo Rodrigues, onde começou na Edição 6 e atualmente encontra-se na Edição 23.

Com grande emoção recebeu o Certificado de Honra ao Mérito, em maio de 2022, concedido pela REVISTA CONEXÃO LITERATURA, no Brasil.

Participou da MESA DE DEBATES em Lisboa – Portugal, do Tema “Escrevo Por Quê” adicionando o poema “Porque Escrevo”.

Com imenso orgulho ocupa a Cadeira número 203, como Acadêmico na Academia Internacional de Letras e Artes de Cruz Alta, no Brasil, Estado do Rio Grande do Sul.

Na edição de Livros possui seis Livros. Quatro de poemas e dois romances.

- “Mais do que Buquê” e “Acredite... Nada Importa Sonhar... Acredite!” na Editora Trevo, no Brasil – Poemas;

- “No Caminhar” e “Sentimentos... Amor... Saudade” ... na Editora Poesia Impossível em Lisboa – Portugal, do Grupo Editorial Atlântico - Poemas;

- “Ardente Encontro” e “Seis Meses”, na Editora Astrolábio em Lisboa – Portugal, do Grupo Editorial Atlântico – Romances.

ANUNCIE NESSE ESPAÇO

Tem algo que deseja divulgar?
Lojas, livros, sites e muito mais



REVISTA CONEXÃO LITERATURA - PERIÓDICO MENSAL

Viva bem
Viva com saúde!

bem estar

saúde

PACOTE DIVULGAÇÃO POR R\$ 150

beleza / Livros

Engloba :

Entrevista com
publicação no site
e em uma edição da
revista digital Projeto AutoEstima

Todos os meses
uma nova
edição

Divulgação no Facebook e Instagram

revista
projeto

AUTOESTIMA

acesse: revistaprojectoautoestima.blogspot.com

edições

Saiba como publicar, anunciar ou divulgar no site e na próxima edição da revista digital Projeto AutoEstima, com dicas sobre saúde, beleza, gastronomia, cultura, literatura e bem estar

Escreva para: elenir@cranik.com - c/ Elenir Alves

PARTICIPE DA ANTOLOGIA

O UIVO DO LOBO

VOL. II

E-BOOK

O UIVO DO LOBO

CONTOS E POEMAS



**Ademir Pascale
organizador**

VOL. II

saiba mais: [clique aqui](#)

SOBRE A VIDA...

POR SÍLVIA GRIJÓ

que a VIDA,
não me largue
a mão (ainda)
Nem me seja curta
Nem me seja breve
(adoro longevidade)
E ainda por cima
Seja uma exímia artesã
Fuxique todo o meu coração
Com linhas de alegria
Me adorne a'lma
Com a felicidade
Me emprenhe a audição
com palavras ternas,
Pinte a minha boca
com as cores do arco-íris
Contorne meus olhos
Com o brilho
de todos os amores...



“

Não existe porto seguro

Por Sílvia Grijó

Nada na vida é certeza
Nela, não há nenhum porto seguro
Mas, preciso seguir,
Continuar a caminhada
Vivendo sem desperdícios...
Cada minuto, cada segundo
é valioso, rico, necessário
Não sou dona do tempo
Não o tenho acorrentado ou
engaiolado em mim,
O melhor é segui-lo,
Amando sempre, sempre,
E se a dor for insuportável
É bom chorar, para lavar a alma,
Aproveitar todas as emoções
Vivê-las de verdade
Se doando pelo bem...
Seguindo sempre
O amigo coração
Porque,
nada nessa vida é certeza,
Não existe porto seguro...


”



OCASO

Por Sílvia Grijó

O cair da tarde
Me traz a saudade,
Que, teimosamente
bate forte no meu peito,
invade o coração
porta a dentro,
Me afronta a alma
Que, desvalida,
chora...



SÍLVIA GRIJÓ – é natural de Anorí-AM, mora em Manaus, considera-se uma Poeta Aprendiz, Escritora em construção. Autora da obra MULHER À FLOR DA PELE - Edit. Palavra da Terra. É coautora em 02 Audiolivros, 05 E-books, 08 cordéis, 42 Antologias. É membro efetiva das confrarias - ACILBRAS, ALCAMA, ALACA, AHBLA, ABEPPA, ASSEAM e AJEB-AM. Integra o Grupo "Formas Em Poemas", atua nos Projetos "Musicalidade Poética", "Literatura Caminhante", "Movimento Patologia Cultural". Foi condecorada com o prêmio "Arara Cultural 07/22 e o "22° Prêmio Cidade de Manaus, 10/22"; recebeu da Associação dos Escritores do Amazonas, o "Diploma Mérito Cultural/2023. Graduada em Ciências Biológicas, Profa. Especialista, Fotógrafa. Sílvia Grijó acredita que escrever poesia é uma forma de salvamento – é dar a luz com a própria alma.

Apoie a nossa causa

CLUBE DA REVISTA CONEXÃO LITERATURA

INCENTIVO À LEITURA

APOIA.se



acesse:

<https://apoia.se/conexaoliteratura>

PUBLIQUE NAS EDIÇÕES DA

REVISTA CONEXÃO LITERATURA



Escritor(a)

Você escreve contos, crônicas, artigos, resenhas ou poemas? Chegou a hora de mostrar os seus textos para os nossos leitores.



Contos

Aceitamos contos de diversos gêneros. Até 4 páginas: R\$ 60,00. Envie o seu arquivo em Word.



Poemas

Poemas com até 4 páginas: R\$ 60,00. Envie o seu arquivo em Word.

Crônicas, artigos, resenhas etc

Aceitamos crônicas, artigos, ensaios, resenhas etc. Até 4 páginas em Word: R\$ 60,00. Para publicar mais páginas, consulte-nos no e-mail: ademirpascale@gmail.com



Sobre a publicação

O seu texto será publicado em uma das edições da Revista Conexão Literatura. Nossa revista possui ISSN e nossas edições são mensais, digitais e gratuitas para os leitores baixarem.

NÃO PERCA TEMPO: encaminhe o seu texto para Ademir Pascale - E-mail: ademirpascale@gmail.com

PARTICIPE DA ANTOLOGIA

POEMAS AO AMANHECER

POEMAS AO AMANHECER

ADEMIR PASCALE
ORGANIZADOR

E-BOOK



saiba mais: [clique aqui](#)

ENTREVISTA COM ADMIR ZANELLA

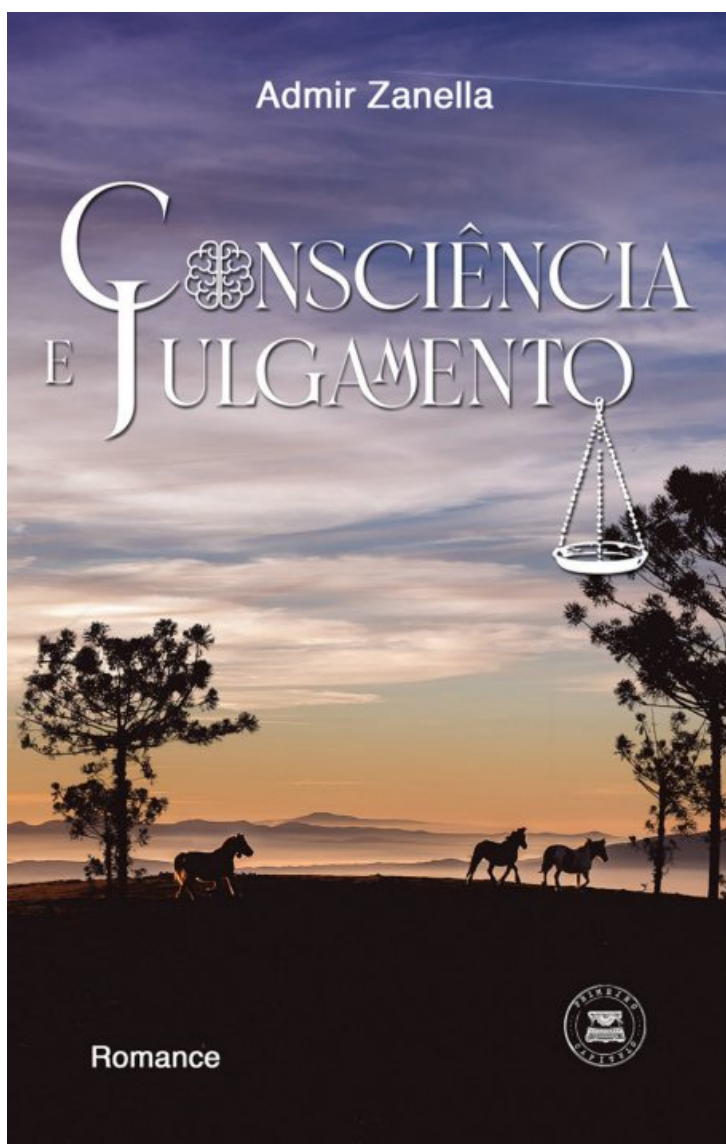


Admir Zanella

Gaúcho segredense (Segredo, Vacaria, RS) em sua infância rural, mudou-se para Flores da Cunha na juventude. Sem concluir cursos superiores iniciados, formou-se técnico contábil e atuou em pequenos jornais como redator, colunista e Diretor de Redação. Foi ainda locutor e apresentador de programas de rádio por décadas, Diretor de Câmara e Secretário de Planejamento. Músico e compositor, toca violão e saxofone. Publicou 'Presságio', romance/1994; 'Se o Ratinho Gero Falasse', infanto-juvenil/1996 (maior tiragem, 10 mil); 'A Palavra é Pá Que Lavra', poemas/1998; 'O Gato Que Não Morria', infantil/2012 e em 2022, Consciência e Julgamento, romance; Cantiga aos Cisnes, poemas e Os Pais Contam, os Filhos Cantam, 12 contos infantis.

Entrevista**Conexão Literatura: Poderia contar para os nossos leitores como foi o seu início no meio literário?**

Admir Zanella: Sempre desejei escrever. Desenvolver esta aptidão trazia-me motivação de vida. Ninguém precisou me estimular, nem oferecer guarida. Apalavrar ideias saciava-me necessidades. Em tenra idade, propícia a dilemas, iniciei com poemas: íntimos, guardados, rasgados. Dos que sobreviveram, participei da coletânea ‘Quando as Folhas Caem’ (APAL UNARGS/1985) e de publicações em pequenos jornais. No mais, persegui o sonho, torturador medonho: ser escritor de romance. Celebrei este inusitado lance com “Presságio”, edição própria. O sabor de mil exemplares na mão fez brado na contramão das dificuldades. Idealista, prossegui com os demais citados na lista.



Conexão Literatura: Você é autor do livro "Consciência e Julgamento", entre outros. Poderia comentar?

Admir Zanella: O livro iniciou com texto fundado em poesia. Escrito à revelia, sem presunção. Não lembro quantas linhas escrevi no primeiro dia. Percebi que o assunto tratava de “conflitos de consciência”. A insistência daquele atrito se dirigia a alguém. A quem? Não sei! A mim, com certeza, não! Assim, a memória me trouxe a história da “Cabocla Tereza”. O enredo desta música serviu de inspiração.

A composição deste clássico caipira (música) conta de certo moço, que pira de ciúme, e mata a moça. Teria agido por amor traído. Então, “amor” seria este sentimento tão mendigo? Base para tornar-se inimigo? Da ação, veio-lhe culpa? Desta questão partiu o desenrolar da obra. O título limitava-se a “Consciência”, sem a desdobra “e Julgamento”. Sempre intitulo antes de desenvolver, embasa-me. O

acréscimo ocorreu após finalizar, por balizar a estrutura do livro.

Não programo livros. Seria criar-me problemas. Não faço esquemas que indicam em cursos. Os recursos saem da condição do escritor: dar vida aos personagens. Igual livro de poemas. Escreve o breve “conto” até o ponto. Lancei “Cantiga aos Cisnes” em 2022. São 79 textos. Talvez algum derive pretextos a narrativas futuras, longas aventuras. Não sei! Publiquei também “Os Pais Contam, os Filhos Cantam”: 12 contos infantis, 12 sonhos de fazer a criançada imaginar, 12 histórias de aproximar pais e filhos, 12 versinhos para cantar junto. No conjunto, o verbo rola e depois aprimoro, ignoro métodos de controle da inspiração.

Conexão Literatura: Como são as suas pesquisas e quanto tempo leva em média para concluir um livro?

Admir Zanella: Pesquisar para desenvolver as inspirações é essencial. É preciso querer construir algo especial. Mas limito-me a investigar a fim de apresentar conteúdo fundamentado. Debruçado a escrever, o personagem dirige-se a determinada cidade. Como vivia aquela sociedade naquele tempo? Em que ambiente? Mesmo que se tenha em mente fantasias, é importante saber a realidade. Acrescento alguns detalhes da época e isso traz veracidade ao invento. Porém, não se pode negar que a fonte maior está na personalidade do escritor. No final, é igual escrever livros técnicos. O bom é que a internet facilita magnificamente. Agita ininterruptamente as ideias.

Quanto ao tempo que demoro, não consigo definir, ignoro. Ando no contratempo de mim mesmo. Sempre tive várias obras em andamento. Algumas no início e outras no prelo. Andam em paralelo com atividades profissionais e particulares. O enredo principal de um livro juvenil saiu em três horas. Ao arremedo desta velocidade senil, um poema já demorou mais de um dia. Consciência e Julgamento pedalou mais de ano. Sem desengano, precisei consertar pneu e pedal da tal bicicleta que utilizei.

Conexão Literatura: Poderia destacar um trecho de um dos seus livros especialmente para os nossos leitores?

Admir Zanella: Vou aproveitar a ironia da bicicleta e ilustrar o trecho com o início do primeiro conto infantil, Sonho de Inventor, de Os Pais Contam, os Filhos Cantam (Ed. Giostri):

“– Certa noite, sonhei ser criança a rodopiar em aliança. Me enrolava igual bolota e girava cambalhotas em gramado bem aparelhado. Depois a criançada abraçada brincava, ponteava o nariz e seguia feliz. Acordei inventor deste mundo encantador!

– O que me diz, Messias? Vivias em local estilo cartão postal, em fantasias?

– Não, Mião! Digo sonho de incrível mundão! Possível de se viver. Basta querer.

– À direita, corria-se a cena perfeita: flores de intensas cores. Borboletas em piruetas circulavam ao modo carrossel, a beber o mel. Analisa, vertia perfume de brisa. O orvalho caía e cismava agasalho em lindo entardecer.

– Já entardecia e ficaram toda tarde naquele alarde de alegria? ...”

Conexão Literatura: Como o leitor interessado deve proceder para adquirir os seus livros e saber um pouco mais sobre você e o seu trabalho literário?

Admir Zanella: Há o site acessado em www.admirzanella.com.br com mais informações sobre mim e meu trabalho. Lá há versos, textos disponíveis, sinopse dos livros, preço e como adquirir.

Os livros *Consciência e Julgamento* e *Cantiga aos Cisnes* foram publicados pelo Grupo Editorial Atlântico, disponíveis em Portugal e no Brasil, com acesso através do site.

Tem o livro infantil “O Gato Que Não Morria”, também disponível, possível de se adquirir pelo site. Envio todos os livros com frete gratuito. As editoras tem seu critério e preço.

Conexão Literatura: Existem novos projetos em pauta?

Admir Zanella: Tenho vários novos projetos, inclusive de outros estilos. Neste ano de 2023 publico mais dois livros de poesia, 160 textos. Um outro de poemas fica para oportunidade futura. Tem 800 versos rimados e dispostos coordenadamente. Tenho livro de 80 mensagens instrutivas para a vida e mais um romance que trata de psicopatia e espiritualidade. Também dois textos juvenis, com possibilidade de fácil condução para teatro, em vista de serem monólogos. Há ainda uma novela juvenil com direcionamento à espiritualidade, além de outros livros iniciados.

Perguntas rápidas:

Um livro: 100 Anos de Solidão

Um autor: Érico Veríssimo

Um ator ou atriz: Prefiro cantor, Roberto Carlos

Um filme: Ghost – Do Outro Lado da Vida

Dia Especial: O dia que fui morar sozinho.

Conexão Literatura: Deseja encerrar com mais algum comentário?

Admir Zanella: Escrever é a arte de descortinar interiores. O aparte deste título do livro de poemas a ser publicado revela, consistente, o vulcão interno existente. Quem tem a escrita no “sangue”, incendeia. A gangue pulsa insistente. Quem a possui não resiste, inflama labaredas. Insiste em publicações, mesmo pelas veredas das desilusões. Nunca tive lucro. O ganho é aquele que vence o sepulcro.

Penso que a evolução real da arte se dá em não seguir normas. Todavia, deve-se inovar formas com sabedoria. Jamais desfigurar, querer que banalidades dominem, por incompetência do artista avançar. Aprimorar o modo significa tentar atingir os melhores ou ir além. Eis o desafio do artista, sem navegar no rio de complexidades. Com naturalidade, prezar por conteúdos que promovam crescimento pessoal e aprimoramento da arte. Todas as nossas ações contratam responsabilidades. Acredito no fundamento de responder por tudo o que se faz. Paz e agradecimento.

ENTREVISTA

COM ALUÍSIO ALVES



Aluísio Alves

Aluísio Alves é escritor. Mineiro, nascido no Oeste do Estado, filho primogênito, cedo enfrentou as limitações materiais e outras turbulências da sua família. Estudou em diferentes regiões: Bambuí (terra natal), Seminário Engenho do Caraça, Campina Verde, Belo Horizonte, Uberlândia e formações diversificadas no Chile e nos Estados Unidos. PhD em Educação, Doutor em educação médica, MBA em Gestão Empresarial e Pós Graduado em Psicologia Geral. É Psicanalista e Terapeuta com atendimentos no Triângulo Mineiro e Sul de Minas. Mentor de empresários, focaliza a humanização da liderança, da gestão e da comunicação em palestras, treinamentos e livros.

Entrevista

Conexão Literatura: Poderia contar para os nossos leitores como foi o seu início no meio literário?

Aluísio Alves: Digo que foi a Música que me levou para a Literatura porque, desde os 9 anos que senti um chamado muito forte para aprender esta Arte. Aprendi a ler partituras num curso gratuito, com um professor chamado Jorge Leite. Daí foi um passo para começar a escrever meus primeiros poemas e arriscar com alguma composições de músicas populares. Isso evoluiu naturalmente, participei ao longo da vida de diversos concursos literários, com premiações e reconhecimentos que me mantiveram até hoje num bom relacionamento com a escrita.

Conexão Literatura: Você é autor do livro "Empresas & Equipes adoecem - Ampliando a percepção de empreendedores, líderes e gestores para tratamentos adequados e soluções saudáveis". Poderia comentar?

Aluísio Alves: Por atender diversos empreendedores pequenos, médios e grandes, conversar com eles em workshops e palestras, percebi uma necessidade urgente de trazer uma abordagem que eu chamo de ferramenta para que gestores e líderes possam perceber aquilo que, na maioria das vezes, está oculto atrás dos problemas e desafios que são frequentes no ambiente corporativo e empresarial. O foco do meu livro é para a atenção que administradores, empreendedores e líderes precisam ter para que eles próprios se preservem de adoecimentos de toda ordem e que aprendam a proteger suas equipes e empresas, porque Empresas e Equipes adoecem...

Conexão Literatura: Como é o seu processo de criação? Quais são as suas inspirações?

Aluísio Alves: Para este estilo literário dedicado ao mundo corporativo e empresarial, talentos humanos e empreendedorismo, meu processo de criação é desenvolvido por um projeto que visa a chegada a propostas de soluções. Minhas inspirações são as pessoas. Meu propósito é olhar para a alma humana, para o que transcende o mero mundo dos negócios porque cada ser humano é maior do que seus condicionamentos e pode, dentro do seu ambiente, contribuir para construir um mundo melhor.

Conexão Literatura: Poderia destacar um trecho do seu livro especialmente para os nossos leitores?

Aluísio Alves: “Dentre as muitas questões que a consultoria sistêmica pode abordar com boas chances de trazer novas percepções e compreensões das dinâmicas ocultas na empresa ou na equipe, estão os problemas individuais, as falhas na qualificação profissional, emaranhamentos administrativos

e organizacionais, conflitos de ordem no sistema, poder de liderança, substituição de profissionais e sucessão.

Não importa qual seja a natureza do seu negócio e se são familiares ou não, as empresas apresentam movimentos e dinâmicas internas que nem sempre são apreendidos pelos métodos convencionais de administração, porém, a consultoria sistêmica pode ampliar muito a visão do gestor e do líder para que percebam e compreendam melhor as dinâmicas ocultas dos negócios e da organização.”

Conexão Literatura: Como analisa a questão da leitura no país?

Aluísio Alves: Trabalho também numa Universidade Pública, realizo pesquisas, oriento estudantes, mantenho contato com as empresas júniores e professores de graduação e pós-graduação, por isso, vejo que o número de leitores aumentou e o interesse dos jovens está em alta, mas, temos na sociedade brasileira grandes lacunas para serem preenchidas no sentido de aproximar mais pessoas, de todas as idades e diversidades da leitura. Há uma grande oportunidade para se investir mais no estímulo à leitura.

Conexão Literatura: Como o leitor interessado deve proceder para adquirir o seu livro e saber um pouco mais sobre você e o seu trabalho literário?

Aluísio Alves: é muito fácil, basta acessar o link https://www.livrariadabok2.com.br/produto/empresas-equipadoecem.html?fbclid=IwAR1HdCEO-cXfx4_cCIjfkxSltBrLGjBZTx9HfouX8QINm_IGPwHS0Kqg0cs

Será uma alegria falar com o leitor pelos seguintes canais:

www.aluisioalves.com.br

contato@aluisioalves.com.br

Instagram: [@aluisioalvesoficial](https://www.instagram.com/aluisioalvesoficial)

<https://www.youtube.com/@medicinadaalmaaluisioalves>

facebook: [aluisioalvesds8](https://www.facebook.com/aluisioalvesds8)

Conexão Literatura: Existem novos projetos em pauta?

Aluísio Alves: Sim, um novo livro de Poemas está na fase final e estou escrevendo sobre Medicina da Alma.

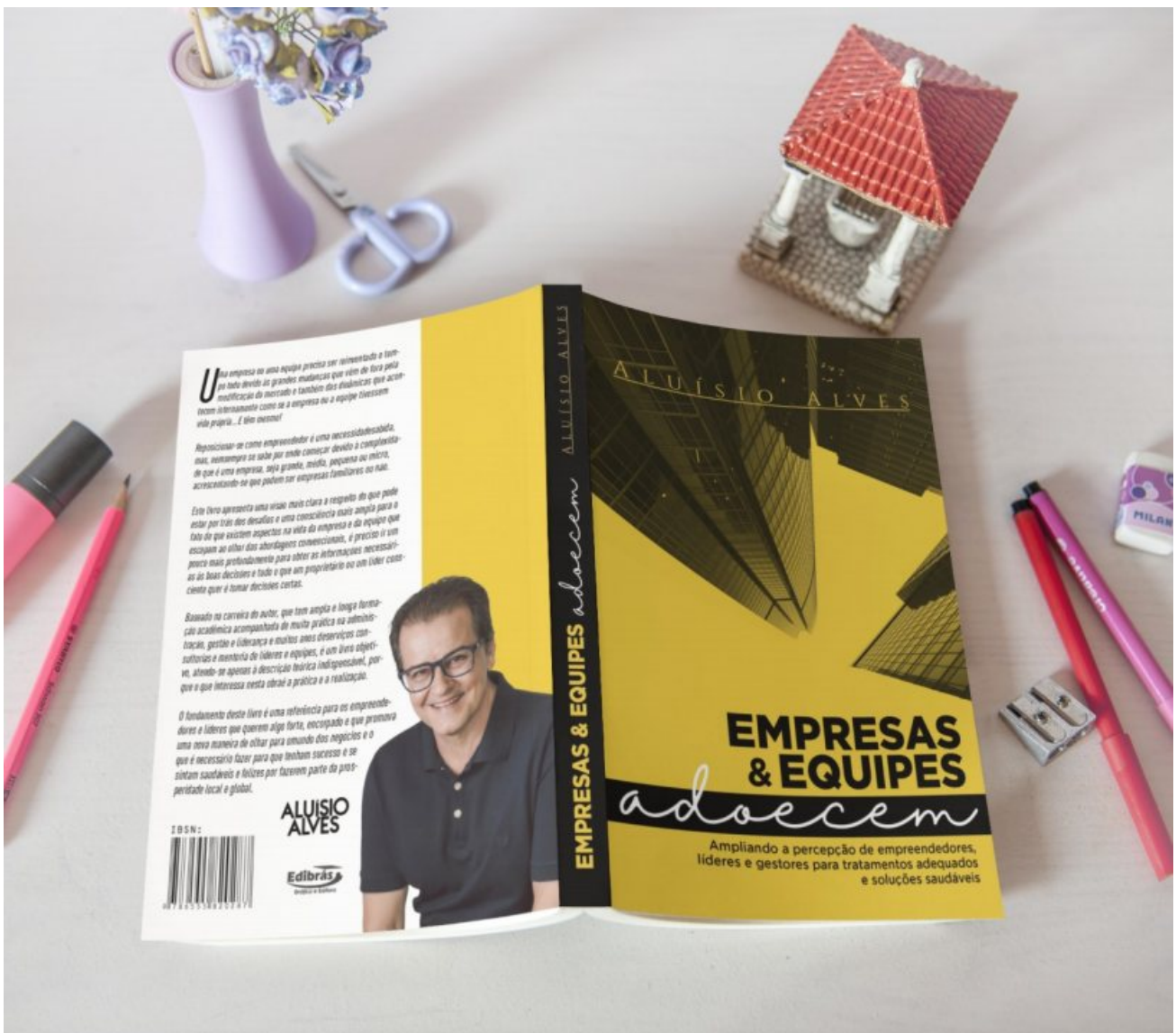
Perguntas rápidas:

Um livro: UM PILAR DE FERRO, de Taylor Caldwell

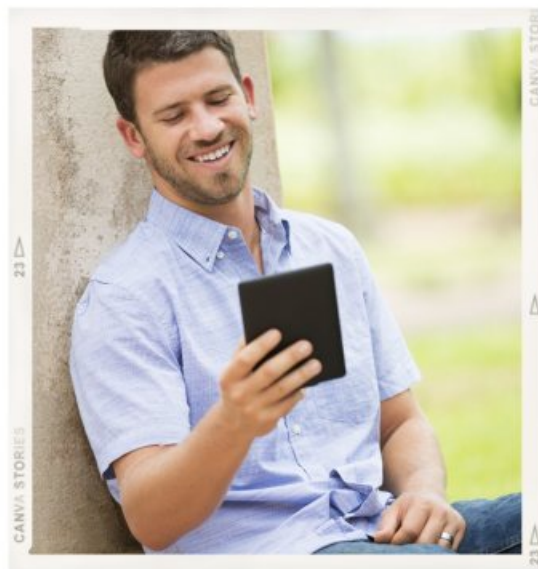
Um ator ou atriz: Robin Williams
Um filme: Sociedade dos poetas mortos
Um hobby: Kung Fu
Um dia especial: 22 de dezembro, nascimento da minha filha Stefânia.

Conexão Literatura: Deseja encerrar com mais algum comentário?

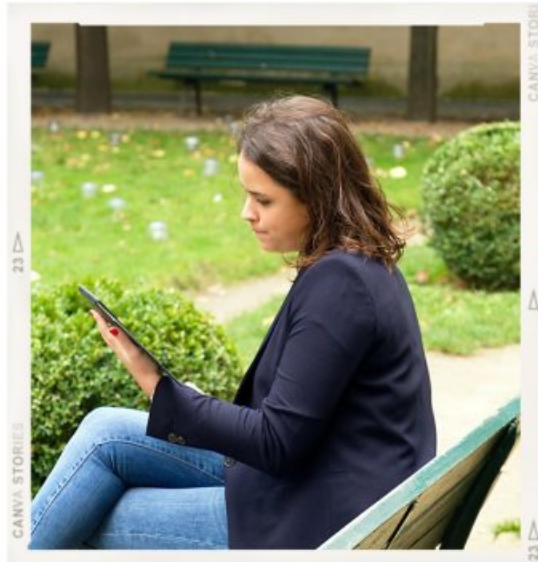
Aluísio Alves: O universo corporativo e empresarial é formado pelas pessoas. Somente com uma atitude profundamente respeitosa diante do mistério e a beleza do humano será possível criar organizações saudáveis e produtivas.



Revista Conexão Literatura



EUA



Portugal



A nossa revista
viaja num 
segundo até você

ENTREVISTA COM DIRCEO STONA



Dirceo Stona

DIRCEO DESCOBRE O JOGO DE JUNTAR PALAVRAS:

“Conheço Dirceo Stona há muito tempo. Sempre foi afável, generoso, solidário, simpático e otimista. Em resumo: um bom amigo. Mas sua maior qualidade, indiscutivelmente, foi a facilidade de comunicação. Dirceo tem o dom de falar português em vários idiomas. Eu o vi comunicar-se com estrangeiros com facilidade, sem entender uma palavra. Quando passou a dominar o inglês tornou-se imbatível. No entanto, faltava-lhe a expressão através da palavra escrita. Agora Dirceo passou a dominar o jogo de juntar palavras em frases e textos, e isso complementou ainda mais as suas qualidades. Redescubro meu velho amigo Dirceo produzindo textos da melhor qualidade e demonstrando fina sensibilidade em reunir palavras e pensamentos. Usa o estilo simples de quem sabe o que dizer. Definitivamente Dirceo é um mágico da comunicação. Transpõe a última barreira que é a habilidade com a palavra e o texto. Dirceo não para de nos surpreender.”

Dr. Fernando Antonio Lucchese (Médico e escritor).

Entrevista

Conexão Literatura: Poderia contar para os nossos leitores como foi o seu início no meio literário?

Dirceo Stona: Tudo começou, com a leitura de obras literárias, escritas por grandes escritores, tais como: Isabel Allende, Jorge Luiz Borges, George Orwell, José Saramago e pensadores de várias correntes de filósofos.

Conexão Literatura: Você é autor do livro "O amante de Durazno - e outros contos". Poderia comentar?

Dirceo Stona: O livro de contos, O amante de Durazno, é uma compilação de trinta e três contos escritos ao estilo ficcional com personagens criados de um mundo de fantasias, surgidos na pandemia e nos amores do Florêncio, personagem uruguaio que mora em Durazno.

Conexão Literatura: Como é o seu processo de criação? Quais são as suas inspirações?

Dirceo Stona: As inspirações surgidas enquanto dirijo carro, nos sonhos, no devaneio, são anotadas em um “caderno de ideias” e uso nos textos e tramas de amores.

Conexão Literatura: Poderia destacar um trecho do seu livro especialmente para os nossos leitores?

Dirceo Stona: Claro, no Jogo de Canastra, diz assim: O jogo chegou ao fim. Todos os jogos, uma hora, chegam ao fim, mesmo os amorosos, Antonella discretamente passou um bilhete a Foreigner, em que se lia: “Espere-me no hotel está noite”

Conexão Literatura: Como o leitor interessado deve proceder para adquirir o seu livro e saber um pouco mais sobre você e o seu trabalho literário?

Dirceo Stona: Através da Editora AGE e na Amazon https://www.amazon.com.br/AMANTE-DURAZNO-OUTROS-CONTOS/dp/6558631407/ref=mp_s_a_1_1?crid=41KDIAHLIDGG&keywords=o+amante+de+Durazno&qid=1684367634&sr=8-1

Conexão Literatura: Quais dicas daria para os autores em início de carreira?

Dirceo Stona: Leiam bastante. Estude as técnicas de escritas e participem dos Cursos de Escritas Criativas e um bloco de anotações.

Conexão Literatura: Existem novos projetos em pauta?

Dirceo Stona: Sim o lançamento de outro Livro de Contos, já em formatação.

Perguntas rápidas:

Um livro: 1Q84 de Haruki Murakami

Um ator ou atriz: Débora Secco

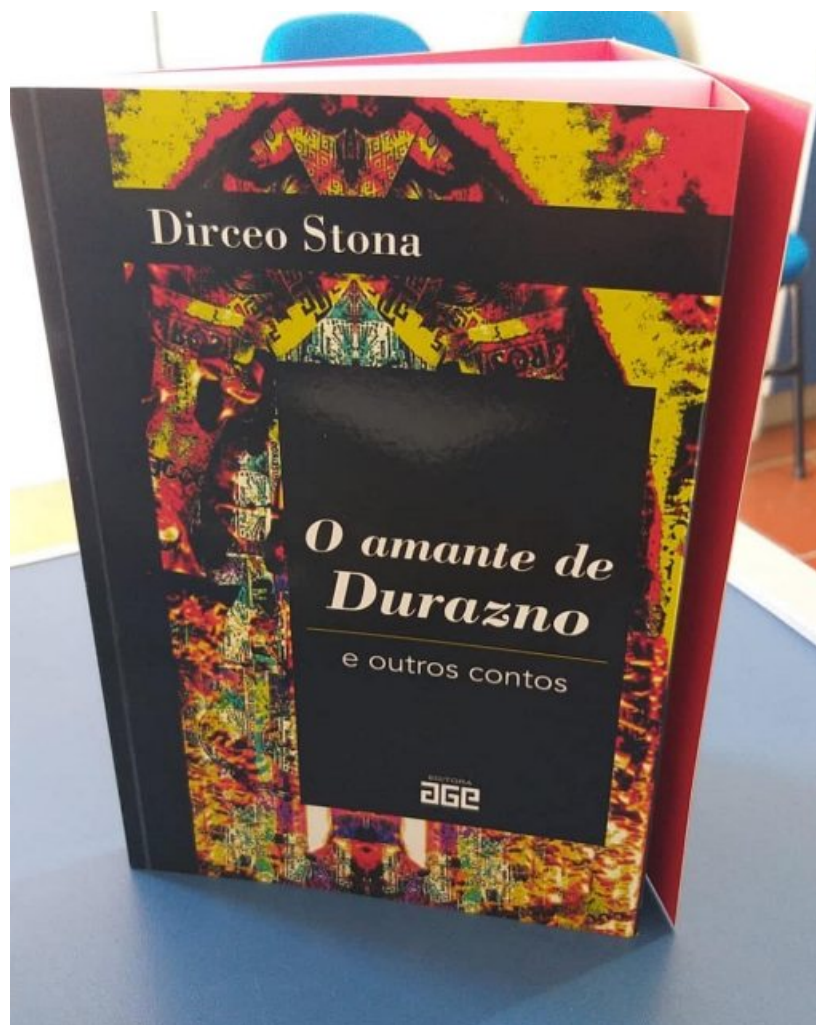
Um filme: O pior vizinho do mundo

Um hobby: Viajar

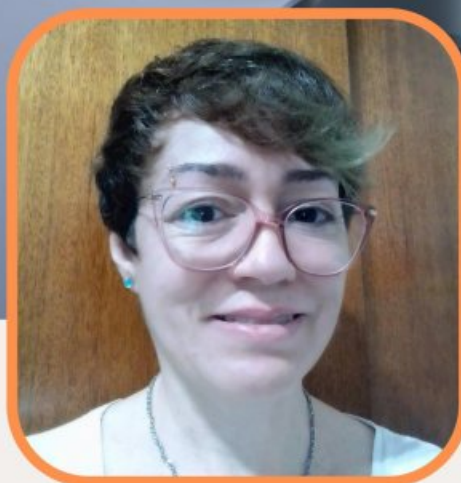
Um dia especial: Todos os que exerço minha liberdade de viver entre meus amores e meus amigos.

Conexão Literatura: Deseja encerrar com mais algum comentário?

Dirceo Stona: Conheçam Dagmar.



ENTREVISTA COM FLÁVIA FERNANDES



Flávia Fernandes

SINOPSE DO LIVRO "NATAL ECOLÓGICO":

Tudo acontece no Projeto Gente da Prainha, como visitas ilustres à Mata Atlântica e ao bosque, ensinamentos sobre ecologia, preservação, conservação, sustentabilidade, meio ambiente, os 5 Rs e coleta seletiva do lixo (resíduos). Há uma visita ao Aquário, conhecimento sobre a poluição do mar, lixos na praia e no mar, mortes dos animais marinhos, adoecimento dos corais, efeito estufa e aquecimento global. Diante da preocupação de ajudar a natureza, adultos, crianças e adolescentes organizam uma festa em uma data muito especial. Através da Educação Ambiental, muitas ideias surgem para transformá-la em uma festa sustentável.

Entrevista

Conexão Literatura: Poderia contar para os nossos leitores como foi o seu início no meio literário?

Flávia Fernandes: Quando criança eu dizia que ia ser escritora, quando menina-moça escrevia poesia, escrever sempre foi fluído, gosto também de estudar e pesquisar o que ajuda no enriquecimento das ideias.

Conexão Literatura: Você é autora do livro "Natal Ecológico". Poderia comentar?

Flávia Fernandes: Como sou formada em Tecnologia Ambiental e pós em Biotecnologia Ambiental, surgiu a vontade de escrever um livro Natal Ecológico, devido à uma preocupação com o meio ambiente e de propagar a educação ambiental entre as crianças e adolescentes.

Conexão Literatura: Como foram as suas pesquisas e quanto tempo levou para concluir seu livro?

Flávia Fernandes: Com a minha formação facilitou as pesquisas dos temas relacionados ao meio ambiente, que é vasta, fui focando nos assuntos atuais e complementando a estória. No livro falo da conservação e preservação da fauna e flora, os 5Rs da sustentabilidade, as 10 coletas seletivas, um pouco da Mata Atlântica, desmatamento, queimadas, resíduos/lixos nas praias e mar, efeito estufa, acidez das águas e muitas outras informações envolvendo crianças e adolescentes de forma que elas aprendam se divertindo.

Conexão Literatura: Poderia destacar um trecho que você acha especial em seu livro?

Flávia Fernandes: O pensamento ecológico foi ganhando força, todos têm a mesma intenção: “Cuidar do Meio Ambiente”, porque se não for esse o caminho, é o fim da humanidade.

Conexão Literatura: Como analisa a questão da leitura no país?

Flávia Fernandes: A educação vive um momento difícil, nem todo mundo tem acesso a ela e quando tem, nem sempre é de qualidade. É triste ver jovens escrevendo errado, não conseguindo elaborar frases ou uma redação. É necessário investir na educação, no estudo e na leitura, pois é isso que fará as crianças e adolescentes serem adultos equilibrados e bem sucedidos.

Conexão Literatura: Como o leitor interessado deve proceder para adquirir o seu livro e saber um pouco mais sobre você e o seu trabalho literário?

Flávia Fernandes: Meus livros estão nas plataformas de venda: Americanas, Casas Bahia, Magazine Luiza, Ponto Frio, Extra, Umlivro e Amazon. Podem me seguir no Instagram [flavia.fernandes.escritora](https://www.instagram.com/flavia.fernandes.escritora) ou facebook Flávia Fernandes

Conexão Literatura: Existem novos projetos em pauta?

Flávia Fernandes: Sim, tenho outro livro infantil que desejo publicar e pretendo também em algum momento lançar livro adulto.

Perguntas rápidas:

Um livro: Bida

Um (a) autor (a): Paulo Coelho

Um ator ou atriz: Angelina Jolie

Um filme: Jogos Vorazes

Um dia especial: Nascimento da minha filha

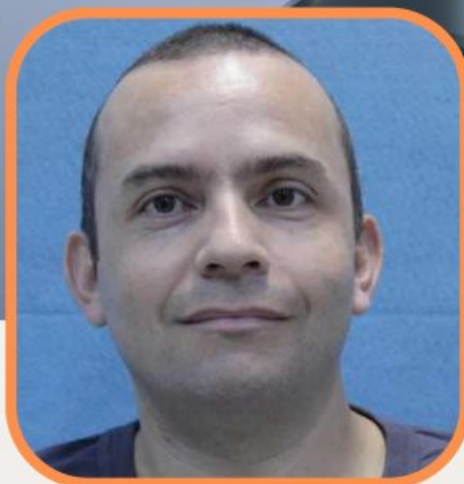
Conexão Literatura: Deseja encerrar com mais algum comentário?

Flávia Fernandes: Sim, estou feliz de poder apresentar o meu trabalho e espero que contribua significativamente para a formação da consciência ambiental, acredito que a educação ambiental é uma ferramenta necessária para a humanidade. Muito obrigada.



ENTREVISTA

COM FLÁVIO GOMES DA SILVA LISBOA



Flávio Gomes da Silva Lisboa

SINOPSE DO LIVRO "O UM - A SOLIDÃO E A HARMONIA":

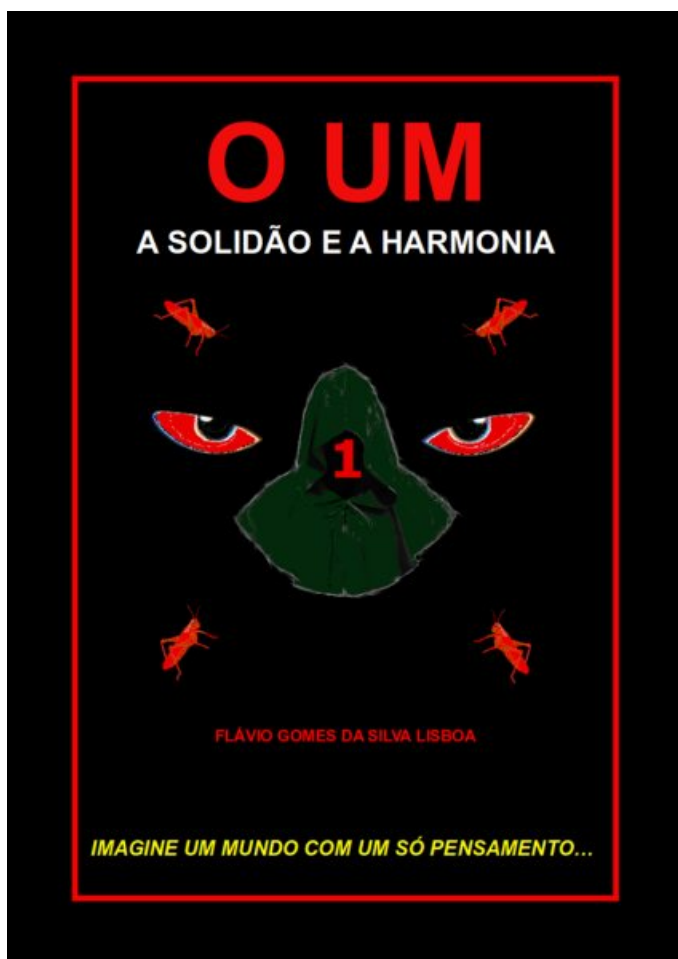
Ele está chegando. E seus seguidores aumentam cada vez mais. Ninguém resiste ao seu toque. Por onde ele passa, o barulho da diversidade dá lugar ao silêncio da unidade. A igualdade parece ser uma realidade para aqueles que abandonaram todas as suas vontades e desejos para viver sob a liderança do Um que é Todos.

Mas nem todos querem viver nessa grande comunidade onde o objetivo coletivo é a única coisa que importa. Para preservar suas vozes individuais, alguns homens enviam um mensageiro para buscar o único opositor do Um.

Entre o mensageiro e esse opositor há um homem, ou algo parecido com um homem. Chamam-no de Imperador, embora não se saiba qual é seu império. Ele encontra-se entre o medo do estabelecimento da unidade e a esperança de preservação da liberdade. Poderá essa criatura ajudar a impedir o UM?

Entrevista**Conexão Literatura: Poderia contar para os nossos leitores como foi o seu início no meio literário?**

Flávio Gomes da Silva Lisboa: Eu sou autor de livros técnicos na área de programação de computadores desde 2008. Mas antes disso, eu já tinha o sonho de escrever ficção. Quando eu estava no ensino fundamental escrevi um livro, não publicado, chamado Eureka! Eram duas histórias paralelas, uma no passado e outra no presente, esta última muito inspirada nos livros de Júlio Verne, os quais eu lia na época. Com a necessidade de focar na formação profissional, o sonho da literatura ficou engavetado por algum tempo. Até que eu comecei um curso de licenciatura, e tive a ideia de escrever um romance que abordasse ciência. Acabei trancando o curso e o projeto ficou novamente engavetado. Em 2005, comecei, por mera curiosidade, a fazer uma pesquisa sobre um personagem esquecido da Marvel. A pesquisa acabou virando uma série de livros com seis volumes, lançada em 2011. Essa experiência me empolgou a retomar o projeto de literatura.



Conexão Literatura: Você é autor do livro "O um - A solidão e a harmonia". Poderia comentar?

Flávio Gomes da Silva Lisboa: O UM é uma distopia. Fala de um mundo, Hidros, muito parecido com a Terra. Mas esse mundo foi devastado por uma invasão alienígena, que simplesmente desligou tudo o que funcionava com eletricidade. Os humanos conseguem expulsar os invasores e tentam reconstruir sua civilização, sem eletricidade. No meio desse processo de reconstrução aparece uma espécie de beato em um dos reinos mais devastados do planeta: Atsu Col. Ele promete resolver todos os problemas se as pessoas se juntarem a ele. Para ele, a causa raiz dos problemas da humanidade é que cada um tem um pensamento próprio. Ele quer eliminar isso e pensar por todo mundo. Na cabeça dele, isso vai

trazer a paz definitiva. Mas não é uma proposta. Ele quer fazer isso à força. Atsu Col serve para discutir no livro a questão do equilíbrio entre a igualdade e a liberdade. O UM quer um mundo que todos sejam iguais... a ele. O livro, na verdade, é uma jornada sobre

os que querem impedir o plano do UM. A questão que fica é: Vale a pena sacrificar a liberdade pela igualdade?

Conexão Literatura: Como foram as suas pesquisas e quanto tempo levou para concluir seu livro?

Flávio Gomes da Silva Lisboa: Foi em 2011 que a ideia de O UM germinou. Finalmente eu tinha um argumento maduro, embasado em anos de estudo e em experiências pessoais. Mas só consegui me dedicar ao projeto realmente a partir de 2016. Então foram quase três anos para concluir O UM.

Conexão Literatura: Poderia destacar um trecho que você acha especial em seu livro?

Flávio Gomes da Silva Lisboa: O poema que dá início ao livro:

“O fogo é um paradoxo.
Ao ser contemplado a distância é deslumbrante.
Ao ser tocado é mortal.
Aceso tem cores vivas.
Quando se extingue, entretanto, deixa apenas tons de cinza”.

Conexão Literatura: Como analisa a questão da leitura no país?

Flávio Gomes da Silva Lisboa: Creio que há três problemas com relação a leitura. O primeiro é a formação. As pessoas podem ler porque a escola obriga, mas poderiam ler incentivadas pela família. Nem sempre a família incentiva a leitura. O segundo é a disponibilidade de livros. Nem sempre há bibliotecas para se consultar e nem sempre se pode comprar livros. O terceiro problema é a tecnologia da informação. Ela tem o potencial de incentivar a leitura, porque contorna o segundo problema, oferecendo acesso a textos que não seria possível ler fisicamente. Entretanto, ela acabou se tornando uma fonte de distração, em que as pessoas simplesmente não leem, apenas pescam trechos, porque estão sendo acostumadas a ter de passar rapidamente por uma enxurrada de conteúdo. E o vídeo acaba sendo muito mais atrativo que o texto nas redes sociais, que prenderam a atenção das pessoas.

Conexão Literatura: Como o leitor interessado deve proceder para adquirir o seu livro e saber um pouco mais sobre você e o seu trabalho literário?

Flávio Gomes da Silva Lisboa: Meu livro está à venda, nos formatos impresso e digital, no Clube de Autores: <https://clubedeautores.com.br/livro/o-um>. O meu site pessoal é <https://fgsl.eti.br>. Nesse site eu tenho os links para minhas redes sociais.

Conexão Literatura: Existem novos projetos em pauta?

Flávio Gomes da Silva Lisboa: Sim. Na verdade, a sequência de O UM já está pronta. Chama-se PANDINO, O IMPERADOR, A VINGANÇA DO UM. E agora estou escrevendo mais um livro, que envolve um dos personagens dos dois primeiros.

Perguntas rápidas:

Um livro: O Feijão e o Sonho

Um (a) autor (a): H. P. Lovecraft

Um ator ou atriz: Fernanda Torres

Um filme: Batman, de 1989

Um dia especial: todos os dias com momentos felizes

Conexão Literatura: Deseja encerrar com mais algum comentário?

Flávio Gomes da Silva Lisboa: Espero que os leitores se divirtam com as aventuras de Jord, Maicou e Safira, em sua jornada para tentar salvar seus reinos do domínio do UM.



ENTREVISTA COM GILBERTO MORETTO



Gilberto Moretto

Gilberto Moretto nasceu em 25/07/1970 em São Carlos/SP. Em 1976, mudou-se para Lençóis Paulista/SP, onde residia sua família. Concluiu o curso de Filosofia no Seminário Sagrado Coração de Jesus, em Marília/SP, em 1993.

Entre 1994 e 1997, cursou Teologia no Instituto Teológico Rainha dos Apóstolos, em Marília/SP, obtendo o título de bacharel em Teologia pela Faculdade Nossa Senhora da Assunção/SP.

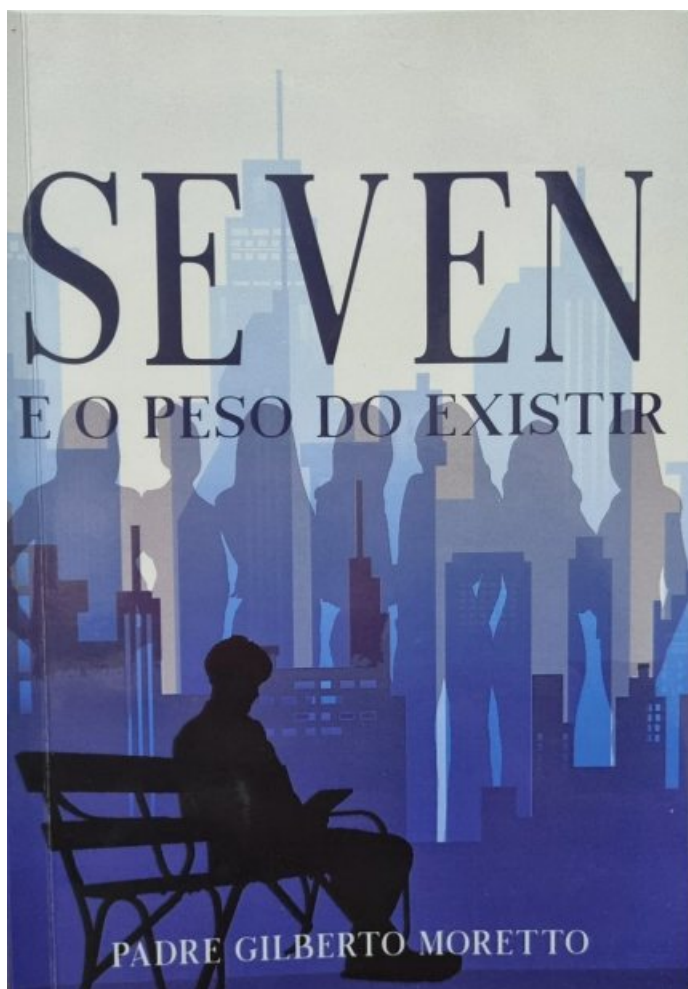
Foi ordenado padre pela Igreja Católica no ano de 1997. Em 2008, mudou-se para Roma, onde cursou mestrado em Teologia na Universidade Salesiana de Roma, obtendo o título de mestre em 2011. É um amante da literatura, filosofia e também apaixonado por tecnologia.

Em junho de 2022, publicou sua primeira obra intitulada "Das cavernas para o metaverso", pela Editora Edições & Publicações. Em dezembro do mesmo ano, para comemorar os 25 anos de sacerdócio, publicou o livro "Meu cálice prateado". Em 2023, pela mesma editora, publicou seu primeiro romance intitulado "Sete e o peso do existir", um romance filosófico existencial.

Entrevista

Conexão Literatura: Poderia contar para os nossos leitores como foi o seu início no meio literário?

Gilberto Moretto: Em 2022, publiquei meus dois primeiros livros. O primeiro é intitulado "Das cavernas para o metaverso", no qual faço uma conexão entre tecnologia, filosofia, mitologia e literatura, com o objetivo de refletir sobre as mudanças que a vida em rede está trazendo para a nossa aventura humana neste planeta. O segundo livro, "Meu cálice prateado", no qual apresento uma retrospectiva dos meus 25 anos de sacerdócio a partir de um "diálogo" com o Padre Antônio Vieira. Nele, abordo 25 temas nos quais faço uma pergunta para o Padre Vieira, e ele "responde" por meio de trechos de seus famosos sermões. Além disso, compartilho bastidores da vida de um padre.



Conexão Literatura: Você é autor do livro "Seven e o peso do existir". Poderia comentar?

Gilberto Moretto: Em "Seven e o peso do existir", o protagonista, Seven, se percebe "lançado na existência" e, por meio da filosofia, busca respostas que possam trazer um pouco de leveza diante do peso de sua existência. Ao mesmo tempo, ele procura pela mulher da sua vida e percebe que o número 7 insiste em aparecer em momentos significativos. O livro é um romance filosófico/existencial.

Conexão Literatura: Como foram as suas pesquisas e quanto tempo levou para concluir seu livro?

Gilberto Moretto: O romance é resultado de uma vida dedicada a estudos, leituras e reflexões. Com minha

formação em filosofia e teologia, decidi apresentar no livro uma síntese das ideias filosóficas e teológicas que mais aprecio. Quanto ao tempo de escrita, levei aproximadamente 35 dias para concluí-lo.

Conexão Literatura: Poderia acrescentar um trecho que você acha especial em seu livro?

Gilberto Moretto: “Quando chegou em casa, ao olhar para seus livros, se partiu com uma obra de Nietzsche e lembrou-se que ele pensava totalmente diferente de Aristóteles. Segundo Nietzsche, o universo não é harmônico, mas um caos, onde forças opostas duelam entre si, para expandir e impor o seu poder.” (p.48)

Conexão Literatura: Como analisa a questão da leitura no país?

Gilberto Moretto: A leitura no Brasil é um tema importante e controverso. Embora o país tenha avançado nas últimas décadas em relação ao acesso à educação e à cultura, ainda há muitos desafios a serem enfrentados para promover uma cultura de leitura no país. Entre os motivos para a falta de interesse pela leitura, estão a preferência por outras atividades de lazer, a dificuldade de acesso a livros e a falta de incentivo e estímulo desde a infância. Penso que seja fundamental que a leitura seja vista como uma atividade prazerosa e enriquecedora. Em suma, a leitura no Brasil ainda enfrenta muitos desafios, mas há iniciativas e esforços para promover o hábito de ler e garantir o acesso aos livros em todo o país. É preciso continuar investindo nesse sentido para que a leitura se torne uma prática mais presente e valorizada na cultura brasileira.

Conexão Literatura: Como o leitor interessado deve proceder para adquirir o seu livro e saber um pouco mais sobre você e o seu trabalho literário?

Gilberto Moretto: Informações para compra do livro:

E-mail: gilbermoretto@hotmail.com

Celular: 55 4 99661 8696

Conexão Literatura: Existem novos projetos em pauta?

Gilberto Moretto: Tenho planos de iniciar a escrita de um novo romance em breve. Estou dedicando meu tempo para desenvolver uma história envolvente, com temas que despertem pensamentos profundos.

Perguntas rápidas:

Um livro: “A insustentável leveza do ser” de Milan Kundera

Um (a) autor (a): Nietzsche

Um ator ou atriz: Harrison Ford

Um filme: “Face a face com o inimigo”

Um dia especial: O lançamento do meu primeiro livro “Das cavernas para o metaverso” em 6 de junho de 2022.

Conexão Literatura: Deseja encerrar com mais algum comentário?

Gilberto Moretto: Gostaria de expressar minha gratidão à revista por esta oportunidade de compartilhar minhas ideias e experiências no campo da literatura. Espero que nossa

conexão perdure por muito tempo, permitindo o diálogo contínuo sobre o mundo literário. Acredito que a literatura tem um papel fundamental na nossa sociedade, pois nos transporta para novos universos, amplia nossos horizontes e nos faz refletir sobre a condição humana. Que a leitura continue a nos inspirar, desafiar e transformar. Muito obrigado!



ENTREVISTA COM JUNIOR BERTS



Junior Berts

Natural do Rio de Janeiro, Junior Berts cresceu em Brasília. Ingressou na literatura através da poesia, aos quatorze anos, mas foi na prosa que se situou. Amante de História, aos dezessete anos se decidiu por ser romancista, dando início à produção de seu primeiro romance histórico, "O mal do século". Abandonou a faculdade de Letras para investir em cursos de escrita criativa, sempre conciliando os estudos literários com a produção de romances, atividades que exerce há quinze anos.

Entrevista

Conexão Literatura: Poderia contar para os nossos leitores como foi o seu início no meio literário?

Junior Berts: Aos dezessete anos deixei Brasília para voltar a morar no Rio de Janeiro. O choque cultural e minha resistência adaptativa em meio à caótica realidade carioca me compeliu de vez para a escrita, uma imersão tão profunda, apaixonada e terapêutica que não me restavam dúvidas de que eu não era apenas um delinquente desabrigado: acima de tudo, eu era um escritor.



Conexão Literatura: Você é autor do livro "O mal do século". Poderia comentar?

Junior Berts: A violência e a desigualdade social das comunidades cariocas me sensibilizaram. Eu já tinha a ideia da produção de “O mal do século”, que narra a história de lorde Vincent, um libertino londrino angustiado com as mazelas urbanas ocasionadas pela Revolução Industrial. Por coincidência (ou não), a turbulenta mudança para o Rio de Janeiro me permitiu experimentar com maior proximidade a depressão propiciada pela industrialização das cidades no século XIX. Como um romance gótico, “O mal do século” se inicia com o angustiado Vincent, um fiel representante do que hoje a literatura chama de Romantismo, descobrindo que foi amaldiçoado por uma assustadora mendiga. Seu único meio de combater a maldição é descobrindo se um campo de trigo pintado por sua mãe, morta há dez anos, existe ou não.

Supondo que a paisagem pintada exista, é provável que pertença à cidade natal de sua mãe, Veneza. É a chance que Vincent tem para escapar de Londres e do sombrio cenário da Revolução Industrial. Em síntese, “O mal do século” é uma narrativa sobre o período do Romantismo, em que a imaginação nos transporta para a época das serenatas e dos duelos, permitindo acompanhar de perto como possivelmente foi a vida de ícones desse movimento artístico, como Vincent. Artistas que, em meio a uma era de abruptas

mudanças, sentiram dores e amores na intensidade que até hoje faz do Romantismo uma das escolas mais memoráveis da literatura ocidental.

Conexão Literatura: Como é o seu processo de criação? Quais são as suas inspirações?

Junior Berts: Sou um assíduo leitor do escritor britânico Bernard Cornwell, cujas obras, especialmente “As crônicas de Artur”, me inspiraram a escrever; herdei de seu estilo a concisão de uma escrita fluida, personagens peculiares e uma trama repleta de ação e comédia. Já as nuances mais profundas do enredo devo ao delirante romantismo de Álvarez de Azevedo e à sombria dinâmica dramática do também saudoso Edgar Allan Poe.

Conexão Literatura: Poderia destacar um trecho do seu livro especialmente para os nossos leitores?

Junior Berts: “Assustava qualquer marmanjo não por sua suposta feitiçaria, nem pela imundice de seu corpo desnutrido ou por seus cabelos fedidos a erva e lixo, mas pela certeza de que aquela mulher conhecia cada uma das desgraças humanas tão profundamente que não lhe restavam escrúpulos em propagá-las.”

Conexão Literatura: Como o leitor interessado deve proceder para adquirir o seu livro e saber um pouco mais sobre você e o seu trabalho literário?

Junior Berts: “O mal do século”, em livro físico, pode ser adquirido no site Uiclap.com. O formato ebook está disponível na Amazon.com.br. Os leitores também podem entrar em contato comigo através de meu Instagram, @autorjuniorberts, onde tenho o prazer de interagir com o público.

Conexão Literatura: Quais dicas daria para os autores em início de carreira?

Junior Berts: Toda carreira é dura, mas se você tem paixão, isto é, se existe *mesmo* um escritor dentro de você, a determinação *sempre* falará mais alto do que a voz da desistência. Esse é o espírito, o fogo que dispensa qualquer necessidade de estímulos motivacionais vazios. Uma vez que seu coração se decidiu, uma vez que esse fogo se acendeu, *vá até o fim*, não há para onde correr. Escreva e leia muito. Também sempre aconselho participarem de cursos de escrita criativa, para mim foram imprescindíveis.

Conexão Literatura: Existem novos projetos em pauta?

Junior Berts: “O mal do século” foi meu primeiro romance, mas o primeiro a ser publicado foi meu segundo, “A burguesinha”, em parceria com a Editora New Naípe. “A burguesinha” também está disponível na Amazon.com.br em formato físico e ebook. A saga “A ilha do crime”, dividida em dois volumes, “Sodoma ou morra” e “Gomorra e

morra”, também pode ser adquirida na Amazon.com.br, por enquanto apenas em formato ebook. Tenho novos projetos em andamento, dessa vez me aventurando na Grécia Antiga.

Perguntas rápidas:

Um livro: “Noite na Taverna”, de Álvares de Azevedo.

Um ator ou atriz: o formidável Marcos Nanini.

Um filme: “Pulp Fiction — Tempo de violência”, de Quentin Tarantino.

Um hobby: ler ou assistir a séries na companhia dos meus gatos (risos).

Um dia especial: O dia em que eu tiver a oportunidade de autografar meus livros para todos que estão acompanhando esta matéria, e por fim poder dizer para mim mesmo “é, marujo, o sacrifício valeu a pena”.

Conexão Literatura: Deseja encerrar com mais algum comentário?

Junior Berts: Este mundo precisa dos sonhadores. Ainda não realizei meu sonho, mas reencontro a certeza de que vou chegar lá ao lembrar que nem por um segundo pensei em desistir. Sonhos esvaziam cadeias e hospícios, mantêm de pé tudo pelo qual vale a pena viver, e realizá-los tem mais a ver com cooperação do que com competição, portanto ajudemos uns aos outros em busca de um mundo mais luminoso. Há muitos modos de ajudar um companheiro de estrada; por hora, toda ajuda que posso dar consiste em um fervoroso conselho: não mate sua alma, não desista dos seus sonhos.



Principais Lendas do FOLCLORE BRASILEIRO

www.revistaconexaoliteratura.com.br

Lobisomem

É um homem que se transforma em noites de lua cheia por volta da meia-noite.

Uma Mula sem Cabeça, que solta fogo pelo pescoço e assusta pessoas e animais.

Mula sem Cabeça

Saci Pererê

É representada por um menino negro que possui uma perna só.

Boitatá

Esse personagem folclórico é representado por uma grande serpente de fogo que protege os animais e as matas.

Iara

Esta personagem é representada por uma sereia belíssima que atrai os pescadores com suas doces canções.

Muitas vezes as pessoas que perderam algum objeto acendem uma vela e pedem para o Negrinho do Pastoreiro os ajudar a encontrar.

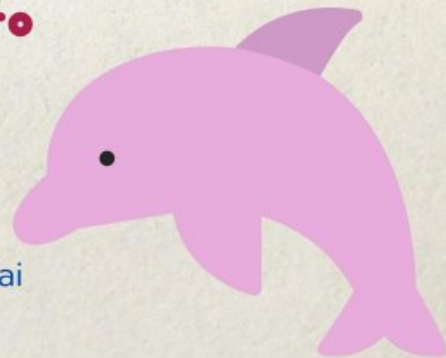
Negrinho do Pastoreiro

Boto

Animal dos rios da Amazônia, sai dos rios e transforma-se num homem muito atraente.

Cuca

Ela é uma personagem por uma mulher malvada com cara de jacaré que raramente dorme.





Aos 14 anos, minha mente vivia povoada por criaturas fantásticas. Monstros dos mais variados tipos conviviam com estranhos guerreiros espaciais. Quase meio século depois, continuo a amar os monstros, por mais que possam me amedrontar. Na forma de contos, eles ainda perambulam dentro de mim ao lado de pequenos dramas do cotidiano. Em mais de seiscentas páginas, "Vozes e Ecos" traz de tudo um pouco: lobisomens, andróides, vampiros, palhaços, o Homem do Saco, Umibozu, fantasmas, fábulas, amores não concretizados, mitologias, conflitos espaciais e uma pitada de melancolia. Traz, ainda, alguns poemas, crônicas e ilustrações.

Vozes e Ecos

HORROR - FANTASIA - NOSTALGIA - FICÇÃO CIENTÍFICA



Roberto Schima

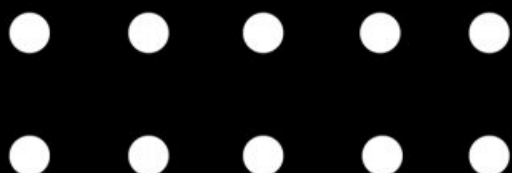
DO AUTOR ★
ROBERTO SCHIMA

PARA ADQUIRIR
O LIVRO

LIVRO FÍSICO:

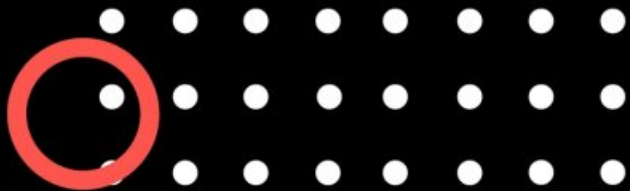
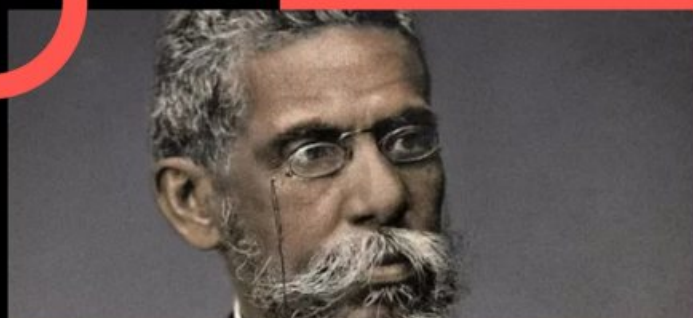
- UICLAP: [HTTPS://LOJA.UICLAP.COM/TITULO/UA26489/](https://loja.uiclapp.com/titulo/ua26489/)
- VERSÃO CAPA DURA: [HTTPS://CLUBEDEAUTORES.COM.BR/LIVRO/VOZES-E-ECOS-2](https://clubedeautores.com.br/livro/vozes-e-ecos-2)
- CLUBE DE AUTORES: [HTTPS://CLUBEDEAUTORES.COM.BR/LIVRO/VOZES-E-ECOS](https://clubedeautores.com.br/livro/vozes-e-ecos)
- PERSE: [HTTPS://WWW.PERSE.COM.BR/VOZES+E+ECOS-12322.HTM](https://www.perse.com.br/vozes+E+ECOS-12322.htm)
- E-BOOK NA AMAZON: [WWW.ENCURTADOR.COM.BR/CDTR5](http://www.encurtador.com.br/cdtr5)





CITAÇÕES DE GRANDES AUTORES

Todos os meses na
Revista Conexão Literatura





MACHADO DE ASSIS

A vida sem luta é um mar
morto no centro do
organismo universal.





CLARICE LISPECTOR

Decifra-me, mas não me
conclua, eu posso te
surpreender.



GUIMARÃES ROSA

Se todo animal inspira
ternura, o que houve,
então, com os homens?



NOVO ROMANCE DE ADEMIR PASCALE



Três jovens interligados vivenciam as feridas que a nossa sociedade perpetua: violência, injustiça e bullying, numa comunidade carente do litoral de São Paulo, até encontrarem um ex-repórter de guerra que poderá mudar o rumo de suas vidas.

BAIXE O E-BOOK GRATUITAMENTE: CLIQUE AQUI

MAFRA EDITIONS
REVISTA CONEXÃO LITERATURA





TIRE O SEU CONTO OU POEMA DA
GAVETA

ANTOLOGIAS

SELO CONEXÃO LITERATURA

antologias de contos e poemas

**PARTICIPE DAS ANTOLOGIAS DA
REVISTA CONEXÃO LITERATURA**

LEIA OS EDITAIS: CLIQUE AQUI

CONTO
POR BERT JR.



CONHECIDOS

Incentivo
à leitura

www.revistaconexaoliteratura.com.br

Ainda terminava o café com sanduíche de queijo e presunto cru, quando reparou no cidadão de olho no balcão de salgados, acompanhado de sua provável esposa. Com o copo de papel na mão, contendo os últimos goles do café preto, aproximou-se do casal.

— Peraí, você de novo?

— De novo? Nos conhecemos? — responde o cidadão, estranhando a abordagem.

— Não exatamente, mas já vi você várias vezes. E não foi só aqui neste aeroporto, noutros também.

— Tem certeza?

— Sim, claro! Lembro bem da camisa de tecido, metade pra fora da calça, deixando à mostra uma faixa de barriga debaixo da jaqueta aberta.

O homem olha para baixo, onde uma área de pele clara vem a público, junto com alguns fios de pelo escuro, e ri.

— Pneu branco chama atenção, né?

— Eu disse pra pôr cinto, mas ele não me escuta, moço — diz a presumível esposa.

— Cinto atrapalha demais na hora de passar no raio X — explica-se ele.

O homem do café concorda, com um movimento de cabeça, e entorna mais um gole da bebida.

— Mas é só pelo detalhe da barriga de fora que afirma me conhecer? — pergunta o outro, intrigado.

— Também pelo cabelo, como se uma ventania tivesse varrido o corredor do aeroporto.

— Sei... Vem cá, isso é alguma gozação, pegadinha, coisa do gênero?

— Agora, talvez você entenda — intervém a mulher. — Não te digo sempre pra pentear o cabelo antes de sair do avião? Não quer me ouvir, dá nisso!

— Ninguém penteia o cabelo hoje em dia, e um sujeito da minha idade tem mais é que exibir o resto de cabelo que tem! Além do mais, banheiro de avião é pior que cela de penitenciária, não é não?

O homem do café faz um gesto afirmativo com o polegar da mão esquerda, enquanto arremessa, com a direita, o copo de papel na lixeira. Em seguida, aponta para os pés do cidadão.

— Esse tênis velho, com o cordão de um dos pés desamarrado, é outro detalhe inesquecível. Muda a marca, muda o aeroporto, mas a impressão é sempre a mesma. E também essa valise preta de nylon a tiracolo, que você entrega para a sua mulher quando vai pegar comida ou pagar a conta. Tem um laptop aí dentro?

— Tem sim, mas ele nem usa, é só pra fazer de conta que é um profissional moderninho — revela a mulher. — Detesto essa mania dele de volta e meia me empurrar essa maldita valise.

Sob fogo cruzado, o cidadão resolve contra-atacar. Dirigindo o olhar para os membros inferiores do seu interlocutor, dispara:

— Pensando bem, também estou reconhecendo você. Esses pés metidos num par de chinelas de praia, com a unha do dedão crescida... Não ficam congelados durante o voo?

Meio sem graça, o homem fala que não, que é calorento.

— Sei, então é por isso que viaja de bermuda e camiseta, tipo adolescente. Você faz surf?

— Não, mas sempre sonhei fazer.

— E essa barbicha aloirada, é efeito da parafina? — pergunta a mulher.

— Já disse que não pratico surf — responde, a caminho de se irritar.

— Devia pintar esses tocos de cabelo raspado a máquina, pra ficar da mesma cor da barbicha — insiste ela.

— Sim — diz o marido — e tirar os óculos escuros quando está dentro do aeroporto. É um hábito muito cafona.

— Cafona? Olha só quem fala — retruca o atingido pelo comentário.

Nisso, uma mulher mais jovem, beirando os trinta, se aproxima do grupo e beija o homem de óculos escuros.

— Desculpa amor, demorei porque tinha fila no banheiro — diz ela. — Quem são os seus amigos?

— Somos apenas conhecidos de aeroporto — diz o cidadão, abraçando a suposta esposa.

— Alguma vez ele te confundiu com outra, ou perdeu você no aeroporto por causa dos óculos escuros? — pergunta a mais velha à nova integrante do grupo.

— É verdade — responde a jovem, sorrindo —, uma vez ele me confundiu com uma mulher de costas, que se assustou quando ele a abraçou pela cintura. Eu disse para ele parar de usar óculos escuros dentro do aeroporto...

— Mas ele não te escuta, sei bem como é... — comenta a outra.

— Eu desculpo porque a gente se conheceu assim, dentro de um aeroporto, ele de óculos escuros.

O homem de óculos escuros sorri, com ar de superioridade; sua companheira, então, olha pensativa para a mulher mais velha à sua frente.

— A senhora não me é estranha, acho que a conheço de algum lugar...

— Será? Duvido muito, moça.

— Peraí! Tenho certeza de que já vi essa jaqueta de tailleur vermelha, com botão de madreperola, em cima desse jeans escuro enfeitado com tarraxas douradas. Sempre me impressionou a coragem de quem descombina estilos desse jeito.

— Acho que também já vi você por aí antes, no free shop do aeroporto, circulando com esse jeans claro rasgado na coxa, como se fosse comprar algum perfume. Mas aí eu notei as tamancas nos pés, com as unhas por fazer, e percebi que você só podia estar atrás de um presente pra outra pessoa.

— Falando em pés, como não lembrar dessa sua sandália de couro, com a tira meio descascada, quase arreventando? E o vermelho cor de sangue nos dedos? A primeira vez que vi, pensei que a senhora tivesse se acidentado; custei a perceber que era esmalte, aliás do mesmo tom do batom borrado na sua boca.

— Ainda bem que está na minha e não na sua, porque com esses lábios quase estourando de tão preenchidos ia ficar parecendo boca de palhaça.

A moça se volta para o companheiro e pergunta se ele vai deixar que a chamem de palhaça. Ele ensaia uma entrada radical, engrossando a voz, mas é interrompido pelo cidadão de barriga à mostra.

— Agora reparei numa outra coisa que me fez reconhecer o seu companheiro — diz ele, virando-se para a moça injuriada. — Os braços inchados, de rato de academia. Só pode estar tomando bomba. Por isso usa camiseta, pra ficar exibindo os músculos.

— Ainda funciona na hora “H”? — pergunta a presumível esposa.

— Na hora “H” e em todas as demais horas. Pode mandar vir o alfabeto inteiro! E tem mais: eu adoooro os braços dele assim, bem definidos.

— Melhor mostrar os músculos dos braços do que o excedente de banha da barriga — agrega o companheiro da moça.

O cidadão olha para a suposta esposa, apontando o outro com o queixo.

— Acho que nisso ele tá certo, né não?

Todos se entreolham, sem jeito. Então o cidadão de barriga à mostra olha para o homem musculoso, de bermuda, camiseta e chinelas de praia, com a unha do dedão crescida e barbicha meio loira, e diz:

— Bem, agora que ficou claro que nos conhecemos, já é hora de nos despedirmos. Conexão tem horário certo e as companhias aéreas não esperam por ninguém.

— Muito bem — o outro responde. — Então... até o próximo encontro, em algum aeroporto por aí.

Despedem-se com um aceno de mão sem graça e saem caminhando na mesma direção. O casal mais jovem vai na frente. Depois de alguns passos, o homem de camiseta e sua companheira escutam os de trás perguntar:

— Estamos indo para o portão de embarque número 25. E vocês?

O casal mais jovem se entreolha. Não sabem se admitem que o portão é o mesmo, se fingem ser outro para só entrar no avião em cima da hora, ou se simplesmente perdem o voo e depois remarcam o bilhete para outro dia.

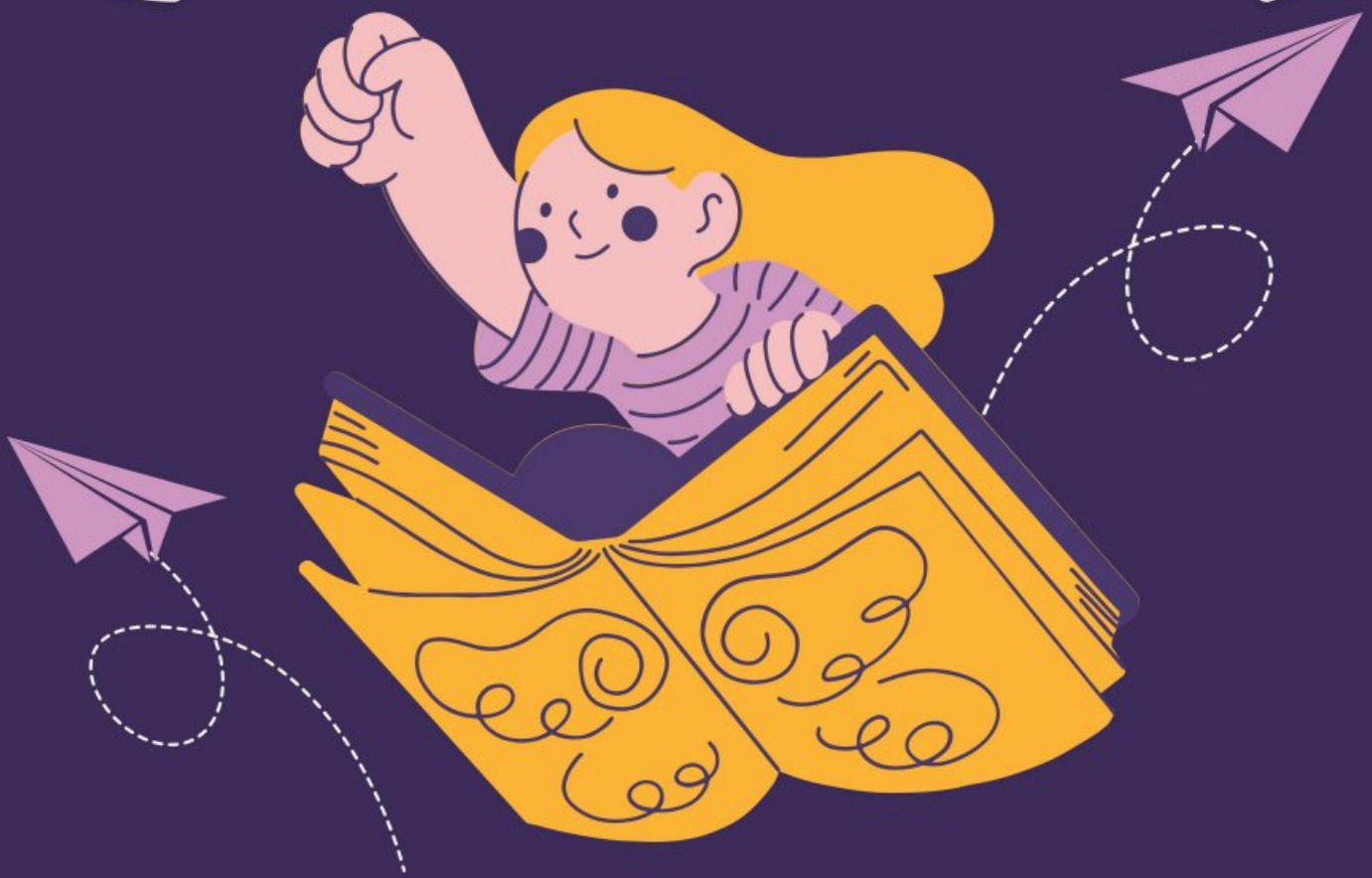


Bert Jr. é gaúcho de Porto Alegre. Graduou-se em História, pela UFRGS, e Diplomacia pelo Instituto Rio Branco, em Brasília. Sua experiência como diplomata já o levou a vários países. Estreou na ficção em 2020, com *Fict-Essays e contos mais leves*. Em 2021, publicou o seu primeiro livro solo de poesia: *Eu canto o ípsilon E mais*. Em 2022, lançou um segundo volume de contos, *Do Incisivo ao Canino*, e um novo livro de poemas, intitulado *Nevoandeiros*. É colaborador assíduo da revista eletrônica Conexão Literatura.

Instagram: @_bertjunior. Facebook: Bert Jr. Site: www.bertjr.com.br.

REVISTA CONEXÃO LITERATURA

*conectando
autores e leitores*



*acesse o nosso site e redes sociais
e fique por dentro do que acontece
no mundo dos livros*

 [@revistaconexaoliteratura](https://www.instagram.com/revistaconexaoliteratura)

 [@conexaoliteratura](https://www.facebook.com/conexaoliteratura)

WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR

CONTO
POR NEY ALENCAR



A Cor do Medo

Incentivo
à leitura

www.revistaconexaoliteratura.com.br

“O medo,
Invisível,
Não tem cor!”

Haiku Desconhecido

1980. Montanhas Rochosas.

Era Primavera! Robertson olhou sem respirar através da mira telescópica do rifle, medindo a força da pressão de seu dedo no gatilho. Adiante, talvez uns cinquenta metros, por entre o capim rasteiro, pode ver o movimento do rato do campo que se empenhava em romper a casca de uma bolota de carvalho. Divertia-se com os esforços do bichinho.

Súbito um movimento nas árvores acima chamou sua atenção.

Asas de um marrom mosqueado de cinza e branco se abriram e um vulto opaco desceu da copa de uma árvore exatamente sobre o roedor, arrancando-o do solo junto com um tufo de capim.

O caçador observou fascinado a coruja orelhuda levantar voo carregando sua presa. Nunca cessava de se encantar com aquelas coisas.

Levantou o rifle, travando o gatilho e encostou-o numa pedra ao lado.

Limpou o suro da testa e sentou-se.

A tarde ia caindo pelas beiradas das montanhas, a sombra das árvores se alongava e o sol se escondia devagar atrás de nuvens pejudadas de chuva.

Tirou um sanduíche da mochila e comeu-o devagar, saboreando o gosto do queijo e do patê de fígado. Tomou quase a metade da garrafa de café morno.

Era a terceira vez que visitava aquela região, havia uma manada grande de cervos que vinha sempre naquela época, da primeira vez pegara um jovem cervo e da segunda um par de fêmeas.

Esperava encontrar um macho adulto desta vez! Seria um ótimo troféu!

Terminou o lanche, deitou-se novamente sobre a esteira acolchoada e pegou o rifle. Abriu a mira e circulou o terreno procurando um alvo.

Quase quinze minutos depois uma sombra altiva caminhou devagar por entre os troncos e parou dentro de seu campo de visão, não mais que cinquenta metros adiante, era um macho adulto com uma galhada formidável.

Robertson moveu o rifle e expirou, tirando o ar dos pulmões.

Parou o dedo sobre o gatilho, já sentia o aço frio da arma quando sua presa levantou a cabeça, nitidamente assustada.

Havia algo errado ali, havia alguma outra coisa naquela clareira junto com o cervo. Moveu o rifle procurando com a mira, não conseguiu ver nada.

Nem uma sombra, nem um movimento.

Justamente quando o cervo ia pular, quando seus músculos se retesaram para o salto algo caiu sobre ele sem um som sequer.

Marcas vermelhas surgiram em seu pescoço e ele caiu por terra sem um ruído.

Robertson sentiu seu corpo se enrijecer de medo, o coração palpitava incrédulo diante daquilo que não estava vendo.

Algo abatera o cervo e agora se alimentava da carcaça.

De onde estava podia ouvir o barulho dos ossos sendo mastigados e as tiras de carne sendo arrancadas do cadáver.

Forçou a vista. Algo parecia se delinear no ar fino do fim da tarde.

Algo tenebroso e hediondo pintado pelo sangue do cervo.

Nos últimos raios de sol daquele crepúsculo fantasmal o caçador viu delinear-se diante de seus olhos incrédulos uma criatura que jamais pensara ver daquela forma.

A pele dela, podia ver claramente através da mira telescópica, misturava-se completamente às matas que a cercavam, iludindo seus olhos treinados.

A pele dela era de uma cor que seus olhos não conseguiam ver!

Por certo que deveriam existir criaturas assim, adaptadas à serem invisíveis aos olhos dos homens, nunca poderia imaginar tal magnitude de mimetização!

Durante o tempo que demorou para que a besta terminasse sua refeição o caçador não se moveu, mal se atrevia a respirar.

A noite veio chegando devagar e quando afinal se levantou e abandonou aquelas terras para não voltar nunca mais, Robertson ouviu, distante e horripilante, um grito blasfemo, como o grito de uma mulher!

Era o chamado de caça daquela besta invisível!



Ney Alencar é natural de Recife-PE. Radicado em Osasco desde 2013. Professor, Pintor e Psicopedagogo. Membro da Academia Internacional de Literatura Brasileira nº 0596. Membro da Associação Internacional de Escritores Independentes e Membro da Academia Independente de Letras de São João — PE. Possui 160 contos publicados em 37 e-books e em 56 antologias. Possui 04 Romances publicados.

CONTO
POR NEY ALENCAR



As Trevas já não são tão boas quanto costumavam ser

Incentivo
à leitura

www.revistaconexaoliteratura.com.br

“A luz devora as trevas,
Faminta,
Por sua escuridão!”

Haiku Desconhecido

2023. Recife Velho.

Antônio olhou para a face pálida da lua minguante e suspirou!
Abaixo do beiral da catedral a cidade se espalhava em um tapete brilhante,
as luzes dos carros eram como cometas amarelos ou vermelhos, a barulho ensurdecedor de seus motores o entristecia.

As ruas já não eram tão escuras, os becos haviam perdido seu charme sombrio, os velhos fantasmas já não se escondiam na penumbra, fugiam espavoridos para dentro dos interstícios das coisas e desapareciam no esquecimento.

Fazia quase um século que havia se tornado uma criatura da noite, mas hoje será que ainda fazia parte daquele seletivo e decaído grupo?

As comodidades modernas haviam amenizado todos os seus dissabores, já não precisava caçar a presa inocente pelas ruas penumbrentas, na realidade era impossível fazê-lo, com todas aquelas luzes medonhas e aquelas câmeras de vigilância, milhares de olhos estavam abertos para cada passo que desse, para cada movimento, cada gesto.

Ainda que aquelas mesmas câmeras não fossem capazes de captar sua imagem, elas ainda poderiam captar suas vítimas, não havia mais privacidade, isso era quase imoral!

Permanecer nas trevas era impossível agora!

Esconder-se nelas era anátema!

Não podia sequer sentar ali e apreciar as estrelas correndo pelo éter.

A luminosidade da cidade o impedia, com seu lúgubre brilho, seu palor amarelado, como um cancro indelével.

Das criaturas míticas de todas as ordens e espécies poucas ainda se atreviam a andar por entre os seres humanos, mesmo aquelas que deles se alimentavam pareciam agora querer evitá-los à todo custo.

Isso fazia com que tudo aquilo beirasse à melancolia profunda!

Fugiam para lugares distantes, já fazia décadas que não via nenhuma Harpia, nem mesmo uma Fúria, até mesmo as bruxas estavam desaparecendo, fustigadas pela nova onda de conhecimentos apócrifos induzida pela internet.

Com um mero cursinho de duas semanas qualquer pessoa poderia receitar ervas e conjurar demônios, talvez não os conseguissem mandar de volta, mas isso era outra história.

Suspirou de novo e olhou para baixo, com um salto pulou no espaço vazio sobre o telhado da catedral e metamorfoseou-se em morcego, planando hediondo sobre as ruas desertas.

Até mesmo os homens não gostavam de sair naquela claridade artificial.

Esvoaçou pelos becos semidevorados pela luz dos postes e revolteou pelas árvores de um parque tão iluminado como o próprio dia!

Enfim, prenhe de melancolia, pousou no beiral de um apartamento no trigésimo terceiro andar de um prédio a beira mar.

O barulho das ondas o fez sorrir.
Lembrou-o da cidade há cem anos atrás!
Desceu para a sacada e abrindo um frigobar tirou uma garrafa gelada.
Entornou o líquido carmesim e espesso em uma fina taça de cristal, o odor ferruginoso do sangue o revigorou.
Sorveu o conteúdo de um gole. Como aquilo podia ser tão artificial?
Olhou para o oceano e pensou na Morte!
As trevas estavam partindo! A Terra estava perdendo sua escuridão!
A horrenda e blasfema criatura feita da luz artificial estava devorando as noites e se banquetando com as trevas.
Cada vez mais o homem, essa criatura tão desconhecida, a raça da qual um dia ele fizera parte, estava destruindo seu mundo!
Restava a ele apenas abandonar aquele lugar.
Quem sabe quando as naves-foguetes cruzassem a atmosfera ele também fosse com elas, para outro lugar, um lugar onde ainda existissem trevas e medo e horror!



Ney Alencar é natural de Recife-PE. Radicado em Osasco desde 2013. Professor, Pintor e Psicopedagogo. Membro da Academia Internacional de Literatura Brasileira nº 0596. Membro da Associação Internacional de Escritores Independentes e Membro da Academia Independente de Letras de São João – PE. Possui 160 contos publicados em 37 e-books e em 56 antologias. Possui 04 Romances publicados.

CONTO
POR NEY ALENCAR



O Convidado Relutante

Incentivo
à leitura

www.revistaconexaoliteratura.com.br

“A cor do sangue
Sobre o branco imaculado.
Memento Mori!”

— Haiku Desconhecido

1990. Recife Velho.

Robergilson acordou com o metal frio da maca apertando seu rosto!
Piscou e abriu os olhos devagar.
Não se lembrava de nada. O que havia acontecido?

Era carnaval, ele se lembrava bem, estava atrasado para a festa com os amigos no clube.

Estava andando de moto, havia passado um sinal vermelho e um motorista havia buzinado, ele se zangara, parara a moto e voltara? Quebrara o retrovisor?

Não se lembrava muito bem, discutiu com o motorista?

Tentou mover a cabeça, não conseguiu.

Nem as mãos nem as pernas, estavam presas. Por quê?

Estava no hospital? Havia acontecido um acidente?

Será que o carro havia batido nele?

Somente então se deu conta que estava nu, deitado de bruços.

Uma mão enluvada tocou suas costas, apalpou sua tatuagem.

Tentou falar, gritar alguma coisa, mas sua língua estava mole, sons desarticulados saíram e pararam.

Uma voz fria soou quase ao seu lado, no fundo uma marcha de carnaval, bem antiga, ecoava pela sala branca.

— O destino às vezes nos sorri! — disse a voz com uma entonação sarcástica. — Se você não tivesse quebrado o retrovisor de meu carro eu nunca poderia imaginar que iria conseguir uma gravura como a sua! Sabe que é muito difícil hoje em dia encontrar uma obra de arte como este tigre que você tem nas costas? Quem foi que o tatuou?

Robergilson queria falar, contar como trabalhara quase três anos guardando dinheiro para aquela tatuagem, que era o sonho de sua vida, mas as palavras simplesmente não saíam.

Somente se deu conta de que iria morrer ali sem poder fazer nada quando a lamina fria do bisturi começou a fazer seu trabalho em suas costas, bem devagar.

Não havia dor, apenas o movimento rápido e preciso do colecionador.

— Você sabia que a obra de arte que tem aí é uma cópia exemplar de uma pintura do século dezessete de Watanabe Shuseki, da escola Nagasaki? Já encontrei várias cópias, mas esta é uma obra prima. Isso me faz lembrar a época em que estudei com o mestre Masaichi na Escola Médica Japonesa de Tokyo, em 1950, dá uma certa nostalgia, não é? Mas naquela época as autópsias que realizávamos para retirar as peles sobre a qual estavam gravadas as tatuagens eram feitas somente em corpos mortos. Não havia sangue, sabe?

A voz se calou!

A anestesia estava passando e a dor começou a se infiltrar na mente de Robergilson como lascas caindo de uma parede.

Devagar ele começou a sentir o que o homem estivera fazendo.

O vulto veio para sua frente e as mãos ensanguentadas lhe mostraram a tatuagem do tigre que havia estado em suas costas, realmente ela era muito bonita, nunca havia imaginado que fosse daquele jeito, era uma obra de arte!

Robergilson queria pedir desculpas, queria dizer que não havia tido intenção de quebrar o retrovisor do carro do homem, fora apenas um impulso, estava nervoso, não era sua culpa!

Queria pedir que o homem não o matasse, mas era tarde! Tarde demais!



Ney Alencar é natural de Recife-PE. Radicado em Osasco desde 2013. Professor, Pintor e Psicopedagogo. Membro da Academia Internacional de Literatura Brasileira nº 0596. Membro da Associação Internacional de Escritores Independentes e Membro da Academia Independente de Letras de São João – PE. Possui 160 contos publicados em 37 e-books e em 56 antologias. Possui 04 Romances publicados.

CONTO
POR IDICAMPOS



Um balanço dos acontecimentos

Incentivo à leitura

www.revistaconexaoliteratura.com.br

Daquela sacada, no seio dos acontecimentos, uma cadeira sacava o entorno calada, recolhida na sua insignificância de objeto estático. Arquivara na memória desde a raiz da árvore à condição de mobília... Registrava, passivamente, o acolhimento de várias gerações...

Comprada numa loja chique, servira de presente de aniversário à bisavó, testemunharia o patriarcalismo, a conquista do voto feminino, a inserção da mulher no mercado de trabalho; mas também denunciava o autoritarismo do bisavô!

O casal viveu o nascimento do século XX, acordava tomando café com leite, ouvindo o rádio embutido numa caixa de madeira, ainda funcionando com válvulas, alimentado na tomada; anunciando a primeira guerra mundial.

Os bisavôs bateram as botas, a cadeira de balanço foi parar no centro da sala de vovô, com as palhas do assento danificadas, onde o buraco era mais em baixo, pois ali as mulheres romperam as amarras... Vovó ingressou no curso normal, tornou-se professora. O marido, a contra gosto, fruto do machismo enraizado, teve de aturar a imponderação da mulher que dividia as despesas, cobrando respeito, igualdade de direitos.

Eles moravam numa casinha simples, no entanto própria, o eletro doméstico mais valioso era a geladeira. Só tiveram televisão quando os cabelos grisalhos chegaram e os olhos dos dois precisaram usar óculos.

O mundo vivia um reboiço, a ressaca da primeira guerra mundial, a queda da bolsa de valores de New York. A conjuntura da década de trinta propiciou a ascensão do nazismo na Alemanha, assim como o fascismo na Itália. Os direitos individuais foram sucumbidos, o autoritarismo marchou contra a democracia, gerando a segunda guerra mundial.

Por pouco vovô não foi à guerra, já tinha até se alistado, mas graças a Deus, em 1945, na hora de receber a farda, o conflito bélico havia terminado. Entusiasmado com o destino propício, estudou contabilidade, montou um escritório.

A cadeira, surrada, sofreu restauro, ganhou almofadas de espuma, aposentou as tiras de palha; aturou às golfadas do bebê, os peidos de vovô. Sobreviveu às brigas da relação.

Vovô contador, vovó lecionando gozavam da condição de classe média; deram estudo ao filho, papai tornou-se bancário, operador de letra de câmbio, do Banco do Brasil.

Os avôs morreram de desgosto, porque parte dos amigos foram assassinados nos porões da ditadura militar: professores, médicos, jornalistas, advogados, artistas, cientistas, etc.

Papai, sozinho neste mundo injusto — contava uns vinte sete anos — contraiu matrimônio com mamãe; uma feminista de vanguarda, militante de esquerda inserida na luta de classes, ligada na redemocratização do país, defendia eleições diretas já!

Os namorados revolucionários conceberam-me num show de rock pauleira, de um banda de Brasília, atrás do palco, num maior tesão! Vim ao mundo sorrindo, consequência de um relacionamento feliz...

Mamãe, muito criativa, customizou a cadeira, coloriu a madeira, colocou plástico, modificou o visual. Refletiu sentada naquela relíquia, associou as ideias, resolveu manter o

balanço da cadeira, alegando favorecer a prática da meditação; afinal as reflexões a cerca da vida continuariam a partir daquela parada pra pensar...

Nasci, em casa, estava com pressa, não deu tempo de ir ao hospital, vim ao mundo nos braços da velha cadeira.

Estudei em escola pública, entrei na universidade federal, fiz Comunicação Social.

Mamãe morreu de insuficiência respiratória, papai foi-se, vitimado por cirrose, logo depois...

Juntei com uma feminista (pesquisadora da Fundação Oswaldo Cruz) cresci na profissão de jornalista, investiguei a corrupção na compra das vacinas, na pandemia, quase fui assassinado.

Morávamos num sobrado, em frente ao mar, conservando o antiquário na decoração do imóvel, tivemos uma criança linda, hiperativa. A inquietação do menino demoliu a herança milenar.

Aproveitei a madeira, fiz um cavalo de pau, a criança aproveitou bastante, cavalgou durante toda a infância; cresceu, estudou, ingressou no movimento estudantil, cursou filosofia.

Outro dia deste, o rapaz, um homem feito, revoltado com a minha morte por Covid, brigou feio na avenida, correu em casa, pegou o resto da cadeira de balanço que sobrou, transformou em porrete e foi pra rua defender a sociedade contra o neonazismo...



Idicampos, Idimarcos Ribeiro Campos é professor de português-literaturas, com pós-graduação em Formação de Leitores, tendo por tema: “Todo mundo gosta de ler, basta lê o quê gosta”. Publicado em periódicos, coletâneas físicas e digitais. Produzindo diferentes gêneros da arte da palavra.

CONTO
POR MÍRIAM SANTIAGO



Amor infinito

Incentivo
à leitura

www.revistaconexaoliteratura.com.br

*E toda vez que o vento soprar seu ouvido, não será só apenas o vento,
mas eu dizendo que te amo.*

(Poeta Sílvio César Rabêlo Lopes)

Olhei no relógio duas vezes e pensei: ela está atrasada! Bem, acho que cheguei cedo demais, deve ser isso. Não tardou e minha amada apareceu; eu é que estava muito ansioso para vê-la!

E o casal se abraça e permanece unido por um bom tempo! Lágrimas rolam pelas faces dos amantes até o esperado beijo acontecer. Nada importava naquele momento. Ambos aguardavam por aquela cena, que até parecia de uma novela qualquer ou de um filme romântico bem produzido, daqueles que te faz chorar do começo ao fim e você sabe o final feliz que está por vir.

— Você demorou, já estava aflito — diz Tomás, um homem moreno, olhos claros aparentando quarenta e poucos anos.

— Vim logo que pude, sabia de nosso compromisso firmado há tempos, como poderia esquecer? — Responde Isolda, na flor da beleza em seus trinta e poucos anos.

— Você está maravilhosa, tão bela e com semblante de felicidade, isso me faz recordar de nossa primeira viagem que fizemos juntos a Portugal, lembra?

— Oh, sim! Foram dez dias maravilhosos naquele país encantador que oferece excelente gastronomia, bom clima e pontos turísticos interessantes. Andamos e nos perdemos a procura da Torre de Belém — diz Isolda.

— Recordações inesquecíveis de todos os momentos juntos, minha vida sem teu cheiro, sem o frescor de teus cabelos em minhas mãos, teu beijo doce, sem tudo isso não tem sentido! Amo-te para toda eternidade! — Responde Tomás.

— O Elevador de Santa Justa, o jardim e museu dos Jerónimos, o Castelo de São Jorge, nossa foram tantos lugares lindos nossa viagem foi perfeita! — Acrescenta a jovem mulher.

E o casal se abraça novamente completamente apaixonado. Um amor desses que ultrapassa as barreiras do tempo.

— Isolda, estava aqui com meus pensamentos quando te conheci, você trajava um vestido curto, cabelo despenteado, mas com fisionomia feliz, e foi essa pureza de espírito que eu mais gostei em você, pena termos passado todos aqueles entraves por causa de minha família. — Diz Tomás, segurando bem forte a mão da amada.

— É verdade, fui feliz e triste ao mesmo tempo só porque te amei. Acredito que esta não seja uma boa lembrança de nosso amor, tivemos momentos em outras ocasiões muito mais agradáveis. — Retruca Isolda, fazendo sinal para que ele ficasse calado, para aproveitarem os poucos momentos.

— Mas são tantas histórias que temos a relembrar, momentos preciosos que faço questão de falar, de pensar para jamais esquecer-los — diz Tomás.

E Isolda levanta-se e estende a mão a ele, vamos caminhar, venha!

E os dois andam calmamente por uma praça com um jardim cheio de flores e folhagens que só a primavera oferece!

— Vamos sentar, o pouco que caminhamos estou cansado. Meu peito doe, pois sei que está chegando a hora, veja o relógio, nosso tempo está se esgotando.

— Eu sei, já não estou mais sentindo os pés — diz Isolda.

Tomás segura e beija as mãos da amada.

— Pelo menos conseguimos passar o Dia dos Namorados juntos, estou feliz por isso. Ao nos despedirmos marcamos esse encontro e conseguimos nos ver, mesmo por pouco tempo, mas para mim valeu a pena — acrescenta ela.

— Nunca é pouco tempo quando estamos com quem amamos, cada minuto, segundo vale a pena ser vivido e estamos juntinhos neste banco acompanhando as badaladas do Big Bang, diz Tomás, que não conseguia mais sentir as mãos dela. — Ele virou o rosto para não ver que seu amor estava partindo, seu corpo agora era quase invisível se diluindo ao vento.

— Eu te amo! — Grita desesperado Tomás, deixando que o eco acompanhasse Isolda para onde quer que fosse.

Agora sozinho ele imaginava quanto tempo mais haveria de passar até que ele a encontrasse novamente. E no banco, suas lembranças de tempos remotos em outra vida, de quando a viu antes desse encontro, há quase 200 anos, quando sua família de nobres portugueses o mandou a um convento e ele fugiu, pois não tinha aptidão religiosa. Depois de perambular pela África foi parar na Calábria, quando conheceu uma jovem italiana bem mais nova, fugindo com a moça.

Desembarcaram no Porto de Santos, formando família naquela cidade brasileira. Mesmo com dificuldade o amor sempre prevaleceu entre os dois, sendo interrompido quando ela adoeceu e faleceu.

E assim as duas essências sempre acabam por se encontrar, não importando o tempo e tão pouco a classe social, pois o amor verdadeiro se sobrepõe a imensidão, à eternidade!

...

Tomás está ansioso, pois é chegado o grande dia de retorno. Anda aflito, pois não sabe nada sobre sua nova morada.

Segundos antes de partir a seu destino, um só pensamento: rever e estar com Isolda, o grande amor, será que conseguiria?

...

Em outra linha do tempo na Terra...

Fabíola não se continha de felicidade com seu lindo bebê, era o mesmo sentimento de sua grande amiga de infância Rosa, e ambas engravidaram no mesmo mês.

A magia do amor encontrou um jeito de unir novamente os amantes de outrora, trazendo-os de volta ao planeta no Dia dos Namorados; é a força do amor rompendo as barreiras da eternidade!

Miriam Santiago: jornalista e formada em Letras. Publicações: “Livro Negro dos Vampiros”; “No Mundo dos Cavaleiros e Dragões”; “Sobrenatural”; “Metamorfose II: Os Filhos de Licão”; “Momento do Autor VIII”, pela Prefeitura de Santos; “Nevermore – contos inspirados em Edgar Allan Poe”; “Mrs. Hyde” e Contos de Terror, da Fábrica de E-books. Também participante ativa da extinta Revista TerrorZine.

Blog: <http://miriammorganuns.blogspot.com> - Contato: mirianssantos@gmail.com

CONTO
POR ROBERTO SCHIMA

Ao Teu Dispor

Incentivo
à leitura

www.revistaconexaoliteratura.com.br

Era uma noite fria de dezembro, temperada a fel. A tempestade reluzia relâmpagos ocasionais e, no alto do morro, os trovões subsequentes faziam estremecer as paredes do casarão num burburinho fantasmagórico. Toda a construção lamuriava numa angústia envelhecida. Candelabros tilintavam. Sombras desnudadas pelas velas tremeluziam. Tábuas rangiam. Roedores fugiam por cantos obscuros até seus esconderijos. Aranhas recolhiam-se na seda de suas teias, aguardando.

O vendaval uivava ensandecido.

Penumbra tornava-se sombra; sombra, escuridão.

E, em meio a tal cenário de abandono, um murmúrio de sentida dor:

— Eleonor...

Gilbert van Dere fechou o pesado volume à velocidade de uma folha a cair de seu galho. O livro era antigo, encadernado a couro e o homem velho estivera lendo durante vários dias e noites. Buscava respostas e, a cada vez que iludia-se num beco sem saída, da boca, sentia o amargor:

— Ah, Eleonor...

As pálpebras cerraram-se por um instante.

A chuva tamborilava na janela em monótona insistência.

A ventania insinuava-se de forma provocante por entre as copas das árvores.

Gilbert van Dere esfregou os olhos cansados sob a irrequieta chama do lampião. Sorveu sua taça de vinho tinto, observando o efeito da luz ao atravessar o cristal e o líquido escarlate. Sentia-se exaurido de corpo e alma, tão refratado quanto a luminosidade a emergir da bebida.

Num esgar, suspirou o suspiro dos angustiados.

O torpor etílico mal conseguia aplacar-lhe a aflição do espírito.

Em dificuldade, respirava. Mas haveria de encontrar o caminho, fosse onde for.

— Oh, minha amada, Eleonor!

Depositou a obra sobre a cômoda de madeira entalhada ao seu lado. Custara-lhe uma pequena fortuna ao alfarrabista, um mouro maltrapilho que sabia ocultar muito bem sua fortuna. Na capa, moldado em bronze já muito patinado, um medalhão trazia a figura de um homem de turbante a correr atrás de sua própria sombra. Gilbert sentia-se como ele. Na lombada, grafado a ouro por entre as nervuras, lia-se o título: "A vida que a morte traz". O autor assinava sob o pseudônimo de *Raven*. O volume do século XVIII era um compêndio ocultista de tudo o que se sabia até então sobre a existência além túmulo, fosse no Ocidente ou no Oriente. E ele sussurrou a sua sorte:

— Morte... Ah, morte...

A maior parte de seus poucos amigos já havia falecido, deixando-lhe um sentimento misto de traição e solidão. Numa folha, agora no fundo da gaveta da cômoda a jazer amarfanhada, chegara ele a escrever à pena, até então, calada:

Fosse pela idade, uma moléstia ou a ponta da espada.

Todos os caminhos desaguaram em idêntica estrada.

E do alívio daqueles que partiram após o sofrimento.

Restou o rastro de dor a quem herdou o seu tormento.

Por que foram eles à frente? Egoístas! Temerosos aventureiros dos umbrais. Pioneiros da viagem sem retorno para além da Margem do Existir. Por que deixaram-no só, sem ter com quem diluir a lancinante dor das recordações, da perda, do irremediável esvair da sanidade? Por que fora-lhes concedido o acalentado privilégio de serem os primeiros a revê-la na escuridão perene; ela, a qual nenhuma mulher ousaria comparar-se, e nenhum coração abraçaria tamanha ternura. E, diante de seu encanto, só restaria dizer em torpor:

— Eleonor — murmurou o velho. — Oh, Eleonor...

Estariam todos ao lado dela, a correr pelas campinas celestiais, sorrindo e cantando as felicidades negadas em vida? Fortunato. Próspero. Usher. Poe. Falariam de Gilbert van Dere, o homem de semblante pétreo, inabalável? Lembrar-se-iam ao menos de sua existência, de sua reprimida amargura, de seu furor em batalha? Oh, que falta fazia o sorriso dela! Quanta tristeza! Quanta dor!

— Oh, que saudade, minha Eleonor!

O corpo todo doía.

Ajeitou-se na poltrona.

Mãos tremiam a inquietude.

Névoa desfilava diante dos olhos.

Como se houvesse um fantasma diante de si, falou:

— Nem os segredos profanos deste livro trouxeram-me a resposta, amada Eleonor. Magia vazia moldada pelo medo, superstição e sangue. Tudo inútil. Seus pergaminhos não me aproximaram de ti uma polegada sequer. Eu tentei infinitas vezes, continuo a tentar e fá-lo-ei amanhã até o fogo de minh'alma se extinguir sob a tormenta de uma madrugada sem fim. Oh, tormentosa e atormentada tormenta! É isso o que resta a este corpo velho diante do vazio?

Do vento, nenhum pio.

Gilbert van Dere sempre fora tido por estranho a partir do momento em que perdera Eleonor. E fazia várias décadas que tal fato ocorrera. A idade somente tornara-o pior, um eremita entre os eremitas, um espectro de vida perdido entre a melancolia, a angústia arrebatadora e o desejo impossível.

Eleonor, um anjo moldado em forma de gente.

A personificação da graça e do encanto.

A simplicidade em forma de nobreza.

Sua doçura ao lado da elegância.

A profundidade de sua alegria.

Uma beleza tão adorada.

— Assim és, minha amada...

Quanta inveja não despertara em sua curta existência por entre os vis mortais, cuja fealdade das almas corrompidas jamais se igualariam à pureza do espírito daquela mulher.

Invejavam-lhe a beleza.

Invejavam-lhe o caráter.

Invejavam-lhe as posses.

Invejavam-lhe de existir.

A malevolência de seus olhares e a infatigável inquietação de suas línguas ferinas não alcançaram descanso até Eleonor adoecer subitamente no fim de um verão que, até então, só trouxera promessas de bem aventurança. Médicos mostraram-se tão inúteis em determinar a causa da moléstia quanto a transmutação de chumbo em ouro pelos alquimistas. Certamente, segundo o parecer de Gilbert van Dere, Eleonor fora vitimada pelos maus fluídos emanados de tais abutres. A fraqueza infiltrara-se em seu corpo, roubando-lhe a cor e a maciez. O brilho divorciara-se de seu olhar. Suas mãos, que tão gentilmente esvoaçaram quais pássaros num céu primaveril, quedaram-se inertes sobre o leito do qual, em vida, ela não mais sairia.

O resto do vinho agitou-se em miniatura de mar revoltoso no interior da taça.

— Amaldiçoados sejam aqueles bruxos e bruxas, feiticeiros, vampiros, roedores de pragas... Crápulas! Suas essências jamais encontrarão descanso no pântano em chamas do inferno. Do solo gélido de suas covas, sequer um punhado de musgo brotará.

Eleonor, pobre Eleonor... Seu vigor murchara a semelhança de uma flor colhida na plenitude da beleza. Ceifada. Decepada. Emudecida. Pétalas caíram pouco a pouco até nada mais restar além de um talo seco e morto. O esquife tornara-se seu vaso; a terra do necrotério, seu adubo.

Durante toda a enfermidade, Gilbert van Dere mantivera a sua compostura, afinal, era um cavaleiro, e cavaleiros sofriam sua dor em silêncio, comedidamente, sem nada deixar transparecer em suas faces. Tampouco ele desejara dar qualquer espetáculo diante daquela horda peçonhenta, inclusive, aqueles que, até então, viveram sob o próprio teto de Eleonor, fazendo-se de servis: criadas, cocheiros, cozinheiras, mordomos, governanta, jardineiro, mas, quiçá, tramando-lhe pelas costas seus pérfidos ardis. Não obstante, iriam pagar. De um modo ou de outro, o sangue deles também correria, e os corpos, de mornos, esfriariam.

— Ah, minha doce e bela Eleonor, tu fostes para longe. E como me foi doloroso perder-te. A impotência em fazer qualquer coisa para segurar o último fio de tua vida deixou-me um vácuo no peito do qual minha natureza sente horror. Eu que comandeí exércitos, atravessei oceanos, cruzei continentes e escalei as maiores montanhas... Nada pude fazer para ajudar-te, logo a ti, que, de todas as criaturas, era-me a mais preciosa e com quem planejava os caminhos mais doces de uma vida feliz. A injustiça de teu sofrimento e o desespero por tua perda arrancaram de mim a réstia de humanidade...

... E piedade.

O velório e o enterro ocorreram como em um espesso pesadelo para Gilbert van Dere. Estava em choque. Tudo parecera passar em câmera lenta diante de seus olhos, obliterado por um nevoeiro de irrealidade, cuja dor ocultava sob uma máscara de ausência. Entretanto, nunca estivera tão presente a um evento. Jamais sentira os minutos tão profundamente em sua carne. Ver Eleonor ali, deitada, gélida, vítima da inveja, do mau olhado ou, sabia-se lá Deus, o que mais. Envenenada? Essa suspeita percorrera-lhe o pântano do cérebro a medida em que observara os rostos ao redor da morta. Bando de carniceiros! Lera em suas fisionomias o fingido pesar; e, em seus olhos, a cobiça em relação aos bens que ela deixara. Houvera uma aura de malévola alegria por trás daqueles

semblantes. Fora tão palpável quanto a bruma a umedecer-lhe as faces. Gilbert van Dere cuidaria de arrancá-la pela raiz no fio de sua espada.

O derradeiro afago nos cabelos longos e louros de Eleonor quase fizeram-no chorar. Sim, ainda trouxeram o viço da vida, ao contrário do opaco em seus olhos, cuja visão voltara-se para a outra margem do Aqueronte.

O caixão fora fechado e colocado sobre a carroça.

Figuras descoloridas, diluíram-se na névoa densa e fria.

O cortejo seguira através do terreno irregular e escorregadio.

O clima enevoado e úmido, a terra escura, as lápides abandonadas e as árvores mortas que permeavam pelo necrotério foram os companheiros de luto de Gilbert van Dere. No vento, um réquiem fizera-se ouvir. Houvera verdade na frieza crua e indiferente dos elementos e nas pás de terra que foram atiradas pelos coveiros. Os sons ao bater na tampa de madeira, soaram como batidas de um enorme coração, um coração denunciador! Pouco a pouco, o coração calara-se. A turba diluíra-se na bruma. O outono trouxera a promessa de um infundável amargor de chumbo. O único alívio fora saber que a alma de Eleonor ascendera ao paraíso celestial, distante de todo pecado terreno... E de tudo aquilo que, dali em diante, viria.

A taça ficou completamente vazia.

— Agora, compreendo a pilhéria feita pelo editor no medalhão da capa. Desde a perda de Eleonor, eu estive correndo atrás de minha sombra. Todas as minhas pesquisas conduziram-me a becos sem saída. Mas não hei de desistir de minha busca... Jamais!

Sequer uma prece ele fizera diante do túmulo. Nem ao menos uma flor deixara cair. Mantivera sua altivez até o final. Não dera esse gosto à corja que passara um a um por ele sem dirigir-lhe palavra, sem voltar-lhes os olhos. Permanecera ereto até o fim. O último a sair do solo sagrado. A derradeira alma a despedir-se de Eleonor. Somente mais tarde, na solidão de seu aposento, Gilbert van Dere desabara. Descera ao Maelstrom, contorcendo-se no chão frio feito um verme a noite inteira. E, no decorrer dos anos, sempre viria a lamentar não ter demonstrado para Eleonor nenhum sentimento em seu derradeiro ato sobre a terra.

Lá fora, a tempestade prosseguia, fustigando as árvores descuidadas do jardim.

À meia-noite, o relógio de parede deveria soar as dozes badaladas, não obstante, o silêncio persistiu. Isso nunca ocorrera em meio século. Teria se quebrado?

Em vez disso, o velho ouviu batidas a porta do quarto. Assustou-se sobremaneira. Quem poderia ser? Fazia meses, dispensara o último criado. Encontrava-se só no enorme casarão, portas trancadas.

A chama do lampião agitou-se.

Sombras moveram-se alarmadas.

Ergueu-se da poltrona e, em passos arrastados, dirigiu-se à porta. Com o coração pesando-lhe no peito, respirou fundo e, num rompante, abriu-a. Não era dado a religiosidade, ainda assim, indagou com alguma fé:

— Por Deus, quem és?

Como seria de se esperar, não havia viva alma. O corredor estava às escuras, bem como a escadaria de ébano que levava ao patamar inferior. Havia uma inquietude

mórbida nos demais recintos e um eco murmurante da chuva no telhado, ocasionalmente quebrado pelo clamor de um trovão.

Sentiu um odor diferente, úmido, semelhante a terra molhada.

"Terra de sepultura", veio-lhe o pensamento.

Um calafrio possuiu seu corpo.

Seriam peças pregadas por seus sentidos? Ainda assim, em decorrência de sua mente atormentada, balbuciou não sem fervor:

— Serás tu, Eleonor?

A voz ecoou pelas paredes frias feito um arranhar de unhas e perdeu-se no vazio.

Relâmpagos riscaram furiosamente o céu, iluminando por um instante o interior do casarão.

Penumbra transformada em sombra; sombra, em escuridão. De onde restava a deduzível pergunta. E quanto a escuridão? No que ela se tornara?

Colunas, estantes, armários e estátuas eram como enormes fantasmas, guardiões de um mundo de trevas. Bustos de gesso e retratos requintadamente emoldurados a tudo observavam através de seus olhares glaciais sem nada dizerem.

Eleonor não estava. Por que razão estaria? Assumira o seu merecido lugar junto ao Criador.

Tomado por um calafrio incontrolável, Gilbert van Dere tornou a fechar a pesada porta de madeira e retornou para o interior do quarto. Levou uma das mãos à têmpora, pressionou. Sentia-se oprimido, tomado pelo sentimento de que algo iminente iria acontecer.

E aconteceu.

Outra batida, mais forte dessa vez.

Seu velho coração quase falhou. Mãos crispadas, estacou no meio do quarto e engoliu em seco. Virou-se assustado, porém, não em direção à porta dessa vez.

A janela.

E de seus lábios, o que sai?

— Misericordioso Deus Pai!

Para seu assombro, uma figura negra destacou-se contra o fundo iluminado por um relâmpago. E, no negror que se seguiu, o trovão sacudiu os alicerces do casarão até o âmago de Gilbert van Dere.

Aquele espectro, aquela coisa, pousada no peitoril da janela. Era tão escura quanto um fragmento da noite. Porém, os olhos... Aqueles olhos! Eram duas labaredas em torno das quais bruxas dançariam.

Pernas alheias a sua vontade, trêmulas e frágeis, quase prestes a desabar fizeram-no caminhar a passos de ébrio até a vidraça. Um homem transformado em mariposa, hipnotizado, infectado por aquilo que, paciente, aguardava do outro lado o convite mudo.

Suas mãos não mais pertenciam-lhe. Abriu as folhas da janela e uma rajada de vento açoitou-lhe o rosto e o peito, acompanhada do temporal. Quase foi jogado para trás. O frio deu-lhe renovado vigor e, sem saber de onde reencontrara forças, fechou a janela, maldizendo o clima e os horrores da tormenta. As mãos ainda tremiam. A respiração descompassara-se. O sentimento de estar sendo vigiado persistiu entre

sombras tremeluzentes diante da chama do lampião apavorada. E Gilbert gemeu de seu estado de estupor:

— Malfadada noite de terror!

Virou-se para retornar à velha poltrona. Estava prestes a sentar-se quando avistou.

Arregalou os olhos. O sangue gelou. A boca abriu-se num esgar mudo.

O fragmento da noite adentrara ao quarto junto à ventania.

Agora, malgrado fosse, fazia-lhe companhia.

Uma entidade criada na escuridão.

Um delírio da tempestade.

A figura negra.

A coisa

Ele.

Postara-se imponente sobre os ombros de uma estátua em mármore de Hades que Gilbert van Dere mandara trazer de navio algum tempo após o funeral de Eleonor. Viera diretamente de Patmos, no mar Egeu, ilha onde o término dos tempos havia sido traçado. Havia uma dupla ou tripla ironia no fato. Ou seria o agouro de um presságio?

O velho cavaleiro esfregou os olhos, tornando a duvidar de seus sentidos. De que loucura fora tomado sob a tormenta de final de mundo? Que espírito amaldiçoado erguera-se da sepultura?

— És uma entidade da noite, nefanda criatura?

— Ao teu dispor — respondeu na sala escura.

Gilbert van Dere desabou sobre a poltrona.

Falara mais para si. Ele não esperava.

Oh, meu Deus, a coisa ali falava!

Era um tipo de criatura alada, tão negra quanto a escuridão que predominava no quarto, nos cantos, sob a cama, no interior do armário, no vazio da alma. Sua postura altiva denotava uma certa nobreza, prontamente ofuscada por aquele par de olhos tão vermelhos quanto o coração do inferno.

— Viestes em resposta aos meus apelos e estudos sobre o mistério da vida e da morte? Mostrar-me-ás o caminho através da devassidão?

— Ao teu dispor — Veio a resposta em atenção.

Exceto por aqueles olhos, não era possível distinguir maiores detalhes da criatura. Trevas eram a sua matéria constituinte; tempestade e temor, o seu espírito; trovão, a sua voz. Não demonstrava querer dizer outra coisa senão as três palavras já pronunciadas. E, da voz, não partira qualquer emoção. Aliás, sequer poder-se-ia dizer tratar-se de uma entidade masculina ou feminina. Era uma voz rouca, somente isso, o sussurro gutural do vento nos ouvidos do velho. Todavia, as três palavras, ditas sem alegria, bem poderiam portar em sua essência o néctar da sabedoria.

Quem sabe, fosse tal entidade o arauto do destino, um guia para o inferno em substituição a Virgílio, a considerar as várias mortes que Gilbert van Dere possuía em sua conta. Do seio de sua poça de demência, os cantos dos lábios esboçaram um sorriso ao recordar-se do episódio.

Sim, naquele fatídico princípio de outono, após deixar o sepulcro, em reconhecimento a honraria prestada por aqueles presentes ao funeral, Gilbert oferecera

um lauto jantar em seu casarão no topo da colina. Alguns estranharam, dada as circunstâncias, todavia, vindo daquele homem frio e insensível, o qual uma única lágrima sequer derramara pela perda de sua noiva, o que poder-se-ia esperar? Aceitaram prazerosamente, pois, nos tempos de Eleonor, a generosidade fora uma constante e, quanto a isso, o anfitrião demonstrava seguir o exemplo.

Gilbert van Dere saboreara intimamente observar os convivas refestelarem-se sobre o banquete a exemplo de vermes asquerosos deleitando-se num cadáver, besuntando suas mãos e bocas de gordura, regalandose com o vinho nobre. Garrafas e barris de amontillado foram trazidos da adega sem economizar. Dois leitões tinham sido abatidos para a ocasião. Sabia-lhes da inveja, da ganância, da falsa subserviência à doce Eleonor. Deixara-os empanturrarem-se à vontade. Fizera um brinde cheio de fervor:

— À Eleonor!

— À Eleonor! — repetira em eco a gentalha.

Era um coro de gralhas.

E alegraram-se.

E comeram.

E beberam.

E riram.

A toxina não tardara a fazer efeito.

Olhares embasbacados voltaram-se para o dono do casarão.

Finalmente, Gilbert van Dere emergira de seu casulo de sofrimento, ódio e vingança.

Ele sorria num triunfo sem fim.

— Aproveitastes bem o butim? — gritara aos comensais, sacando de sua espada.

Mas não seguiriam sem dor até o término da tortuosa estrada.

Não, não os deixaria morrer meramente devido ao veneno. A Morte Rubra desfilaria por entre os patifes. De cadeira em cadeira, ao redor da longa mesa, fitara cada um direto nos olhos, e, diante da expressão aterrorizada de quem compreendera tarde demais o ocorrido, Gilbert van Dere cravara lentamente sua espada no malévolos coração.

E bradara em sua demência:

— Não, nada de clemência. Não sugareis mais nada de minha doce Eleonor! Ela subiu aos céus, enquanto a vós, apenas o castigo eterno aguarda. Pereceis sob o açoite!

E o relógio assim marcara: exatamente meia-noite.

O salão, banhado em sangue, assim ficara até o alvorecer.

Depois, entre os blocos de pedra fria, na escuridão da adega, as vítimas lacrarão.

Agora, lembrando os fatos, através da névoa etérea, destilou seu receio.

— Tu, mensageiro do mal eterno, viestes me levar aos subterrâneos de Dante, onde eu, enquanto algoz, ver-me-ei diante de minhas vítimas. És meu guia na jornada ao inferno! Ou serás meu mentor?

E assim veio aquela voz:

— Ao teu dispor.

Os dedos do velho fincaram-se aos braços da poltrona.

— Sejais maldito, profeta do destino! Quereis negar-me um portal através do qual eu possa rever a minha amada Eleonor?

E a criatura da escuridão, em resposta, assim rimou:

— Ao teu dispor.

Lágrimas, enfim, brotaram. Suas faces se aqueceram. Ele quase podia ver sua bela Eleonor diante de si. Os cabelos soltos, longos, louros e cacheados. O vestido tão diáfano quanto véus pela brisa a deslizar. E o olhar. E o sorriso. E a ternura dela emanada tal qual um perfume suave pela primavera evocada. Braços erguidos, querendo abraçá-lo. E então:

— Não... — sussurrou, desviando o olhar para o piso de madeira a seus pés. — Não...

Ele respirava com dificuldade.

O coração continuava descontrolado.

Cerrou as suas pálpebras por um momento.

Eleonor surgiu, tão cristalina quanto o alvorecer.

— Se eu deixar-me levar assim às profundezas sulfurosas, onde algemar-me-ão pela eternidade afora, jamais reverei Eleonor que, tal qual uma estrela, no extremo oposto para sempre se encontra. E canta. E sorri. E encanta. Inadmissível! Por outro lado, como enfrentar-te-ei, vil demônio? Isto é possível? És tu quem deleitar-te-á com a minha dor?

Que mais a coisa teria dito senão:

— Ao teu dispor.

— Cala-te, maldito! Far-te-ei um trato... Sim, um trato! Estais habituado a isso, a exemplo de *Fausto*. Assinarei com sangue! Aceita de mim este último favor?

A escuridão de olhos de fogo assim respondeu:

— Ao teu dispor.

Gilbert van Dere levantou-se novamente da poltrona e, numa escrivaninha próxima, apanhou de papel e pena, redigindo a entrega de sua alma.

— Permitti-me deslumbrar a minha bela e doce Eleonor ao menos uma vez! Depois, façais de meu desafortunado espírito o que bem entenderes. Aceitais este clamor?

— Ao teu dispor.

O velho fincou a pena em seu pulso e, do sangue escorrido, assinou a rubro no final do pacto.

— Pronto! Feito. Aqui está o acordo maldito de alguém desfigurado. Recebas a minha amargura através do mar gelado. Depressa! Fazei de mim o teu ator.

— Ao teu dispor.

Finalmente, a criatura saltou de seu poleiro sobre os ombros marmóreos de Hades e devagar, aproximou-se de um delirante Gilbert van Dere. Uma de suas garras pousou sobre o braço direito do homem, cuja mão segurava o pacto.

O velho, hipnotizado por aquele olhar infernal, indagou de dentro de seu martírio o qual não mais importava àquela altura:

— Quem és tu, vil criatura?

O espectro, então, colocou sua outra garra sobre a capa do volumoso alfarrábio, demorando-se na figura do homem de turbante no medalhão a correr atrás de sua própria sombra.

"A vida que a morte traz".

Magia.

Sangue.

Superstição.

Os olhos vidrados de Gilbert van Dere caíram sobre a lombada.

— *Raven*, o autor?

E a escuridão respondeu em tom de epílogo, apagando-o de toda a luz:

— Ao teu dispor...

NOTA DO AUTOR:

História publicada originalmente na antologia “Crocitar de Lenore” (Morse Laboratório Editorial; organizadores: Matheus Viana, Rômulo Herdy e Clarelis Araújo, e-book na Amazon) e premiada como conto destaque. A temática da antologia teve como inspiração os poemas *Lenore* e *The Raven*, de Edgar Allan Poe.

Roberto Schima:

Paulistano e neto de japoneses nascido em 01/02/1961. Passei a infância imerso nos anos 60. Senti o clima de entusiasmo em relação a "Conquista do Espaço" que hoje não existe mais. Colecionei gibis de terror. Desenhei inúmeros monstros. Assisti aos filmes da Hammer, desenhos da Hanna-Barbera, seriados de Irwin Allen, Jornada nas Estrelas, Ultraman etc. Li os pockets da série *Trevo Negro* de R. F. Lucchetti. Apavorei-me com o episódio *O Monstro Invisível*, de Jonny Quest. Fascinei-me pelo lirismo de Ray Bradbury ao ler uma adaptação em quadrinhos de seu conto "O Lago". Fui um garoto que amava os monstros: sobrenaturais, mitológicos, pré-históricos, abissais ou do espaço, incluindo as criaturas de Ray Harryhausen. Apavoravam-me, mas eram meus amigos. Agraciado com o *Prêmio Jerônimo Monteiro*, promovido pela *Isaac Asimov Magazine* (Ed. Record), pela história *Como a Neve de Maio*. As histórias *Abismo do Tempo* e *O Quinto Cavaleiro* foram contempladas pela revista digital *Conexão Literatura*, de Ademir Pascale, da qual tornei-me colaborador a partir do nº 37. Colaboro também com a revista digital *LiteraLivre*, de Ana Rosenrot. O conto *Ao Teu Dispor* foi premiado na antologia *Crocitar de Lenore* (Ed. Morse). Escrevi: *Limbographia*, *O Olhar de Hirosaki*, *Os Fantasmas de Vênus*, *Sob as Folhas do Ocaso*, *Cinza no Céu*, *Era uma Vez um Outono*, *Vozes e Ecos*, *Através do Abismo*, *Imerso nas Sombras* etc. Participei de mais de duzentas e quarenta antologias até o momento. Contato: rschima@bol.com.br. Mais informações: *Google* ou nos links abaixo.

<http://www.revistaconexaoliteratura.com.br/search?q=schima>

https://www.amazon.com.br/s?k=%22roberto+schima%22&__mk_pt_BR=%C3%85M%C3%85%C5%BD%C3%95%C3%91&ref=nb_sb_noss

<https://clubedeautores.com.br/livros/autores/roberto-schima>

<https://loja.uiclap.com/autor/roberto-schima/>

<https://www.wattpad.com/user/RobertoSchima>

CONTO
POR IRACI J. MARIN



DEPOIS DO JANTAR

Incentivo
à leitura

www.revistaconexaoliteratura.com.br

Otávio foi até a janela da sala, abriu-a, aspirou o ar noturno e olhou para a lua que lhe pareceu uma gôndola veneziana. Sorriu com a imagem e foi um momento de alívio. Gostaria mesmo de estar naquela bela cidade italiana. Mas estava em sua cidade, em seu apartamento, e logo ia encontrar Marta na intimidade do quarto, provavelmente sem intimidades.

Estavam casados há alguns anos e o veneno da rotina fazia pequenos buracos na vida em comum. Predominava entre eles a monotonia e o silêncio, cada um em sua redoma de dissimulações. Só alguns poucos assuntos moviam a conversação.

No quarto, Marta fazia o cerimonial diário, na expectativa de poder deitar-se e dormir sem saber de qualquer gesto ou palavra de Otávio. Na frente do espelho viu seus olhos escuros, que nada lhe diziam. Sentiu a alma pesada. O perfume do creme que ela deslizava vagarosamente sobre as faces, no entanto, a fez transportar-se para o ambiente do trabalho e uma suave sensação de alegria invadiu sua alma. Mas esta lembrança logo foi quebrada pelo barulho da porta do quarto sendo aberta. A realidade superou a imaginação que embrionava. Então fechou os olhos um instante e recompôs a sua frieza.

Numa tarde monótona de domingo, concorrendo com o barulho da televisão e o interesse de Marta com o programa de auditório, ele comentou:

— Sabe o caso da Joana Karewska?

— De quem?

— Joana Karewska...

Marta ficou olhando para ele. Era um caso de adultério, pensou, e isto lhe interessava.

— Ela era uma moça loira, alva e franzina, com olhos claros, que caiu ou foi jogada do 13ª andar de um prédio, em Porto Alegre.

— Meu Deus!

Otávio suspendeu a narrativa. Criou um pequeno suspense, que agora não olhava para a tela da televisão, mas para ele.

Ela perguntou:

— Sabem por que ela fez isto?

Ele respondeu:

— Não se sabe ainda se foi suicídio ou crime.

Olhou-o interrogativamente. Ele falou, esboçando um sorriso divertido:

— É um episódio do livro que vou ler.

Ela fez um gesto chocho, sentindo-se malograda. Respondeu com voz acentuada:

— Podia ter falado logo, me deixou curiosa por nada...

Ele se levantou. Na porta da cozinha, voltou-se:

— Quem me contou esta história foi uma colega de trabalho. É do livro *O resto é silêncio*, de Érico Veríssimo.

Em seguida aproximou-se dela e falou:

— A gente podia convidá-la para jantar aqui numa noite dessas. Ela tem muitas histórias pra contar dos livros que leu.

Marta não piscou nem respondeu. A sugestão não lhe agradou. Ele percebeu a cara fechada da esposa e foi para a cozinha.

Mas em seguida ela chamou:

— Otávio!

Ele tomava água. Retornou para a sala.

— Eu posso convidar um colega de trabalho pra este jantar? A gente vai conhecer outras pessoas...

— Claro.

— Vai ser uma noite diferente. Vamos pedir uma pizza, tomar um bom vinho, conversar...

Depois de anos sem visitas, aquela iniciativa comum era um oásis na vida deles.

O jantar transcorreu com animada conversa. Houve sorrisos e olhares cúmplices. O ambiente se tornou levemente amoroso.

Ao se despedirem, na calçada, cada convidado foi em direção de seu automóvel. Otávio atirou um beijo discreto para Olga. Marta atirou um beijo discreto para Maurício.



IRACI JOSÉ MARIN reside em Caxias do Sul — RS. É professor aposentado e advogado. Publicou obras de ficção e participa de diversas revistas com contos. Também publicou artigos e obras de pesquisa sobre a etnia polonesa. Lançou, em 2021, um livro com histórias para o mundo infantil e juvenil. E-mail: advmarin@gmail.com



ANUNCIE

**SUA LIVRARIA,
LIVRO, LOJA,
SITE**

**SAIBA COMO:
CLIQUE AQUI**

SAO . ATENÇÃO . ATENÇÃO

Já são mais de
600 mil seguidores
Facebook + Instagram + Youtube



Acesse o QR Code e
conheça o nosso Mídia Kit

Site: + de
3,8 milhões de acessos

www.revistaconexaoliteratura.com.br

DIVULGUE NA

REVISTA CONEXÃO LITERATURA

EDITORAS E LIVRARIAS:

TENHA SUA MARCA VINCULADA NAS
EDIÇÕES, SITE E REDES SOCIAIS DA
REVISTA CONEXÃO LITERATURA

No ar desde 2015
96 edições
disponíveis

entre em contato:
ademirpascale@gmail.com - c/ Ademir Pascale



Ademir Pascale
Escritor e Editor

MÍDIA KIT

Opções para divulgação

Veja como é fácil divulgar o seu livro, livraria, editora, produto ou serviço no site, redes sociais e edições da Revista Conexão Literatura. TENDO INTERESSE EM UMA DAS OPÇÕES OU MAIS INFORMAÇÕES, ENTRE EM CONTATO:

 e-mail: ademirpascale@gmail.com - c/ Ademir Pascale

✓ OPÇÃO 1

Divulgação de autor/livro:

- Engloba: entrevista publicada no site e em 1 edição da revista digital Conexão Literatura. 01 postagem do link da entrevista em nossa fanpage para mais de 480 mil seguidores.

CUSTO: Brasil=R\$ 150,00 - Portugal= € 35



✓ OPÇÃO 2

Anúncio (página interna inteira, tamanho A4, em 1 edição da revista digital):

- Fazemos a arte sem custo adicional.

CUSTO: Brasil= R\$ 200,00 - Portugal= € 60

✓ OPÇÃO 3

Anúncio (página interna inteira, tamanho A4. em 6 edições).

- Fazemos a arte sem custo adicional.

CUSTO: Brasil= R\$ 1.000,00 - Portugal= € 300

✓ OPÇÃO 4

Banner clicável na lateral de todas as páginas do site. Formato (dimensões): 306 x 194, em jpg.

- Duração: 03 meses

CUSTO: Brasil= R\$ 300,00 - Portugal= € 80

✓ OPÇÃO 5

Banner clicável no topo (ótima visualização) em todas as páginas do site. Formato (dimensões): 468 x 90, em jpg ou png.

- Duração: 01 mês

CUSTO: Brasil= R\$ 1.000,00 - Portugal= € 200

✓ OPÇÃO 6

Capa do livro, produto ou notícia no rodapé da capa de uma edição da revista + chamada para página interna.

- Na página interna da edição publicaremos o artigo ou release + imagem.

CUSTO: Brasil= R\$ 500,00 - Portugal= € 100

✓ OPÇÃO 7

SEJA CAPA DA NOSSA REVISTA. Capa (Frente) de 01 edição da revista + entrevista em destaque na edição. A edição será divulgada durante o mês vigente em nossas redes sociais. A postagem com a capa ficará fixa no topo da nossa fanpage: www.facebook.com/conexaoliteratura e na lateral de todas as páginas do nosso site. CUSTO: Brasil= R\$ 2.500,00 (cedemos desc. para pag. à vista) - Portugal= € 500

REVISTA
CONEXÃO LITERATURA

PORQUE
AMAMOS
LIVROS

NO AR
DESDE 2015

CONECTANDO AUTORES E LEITORES

DATA DA PRÓXIMA EDIÇÃO

01.07.2023

**PARTICIPE DA PRÓXIMA EDIÇÃO
ANUNCIE | PUBLIQUE | DIVULGUE**

Acesse o nosso Mídia Kit e saiba mais: clique aqui

ACESSE O NOSSO SITE

WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR

Fanpage @conexaoliteratura // *Instagram*: @revistaconexaoliteratura

Youtube: @conexaonerd